

A close-up photograph of a man's hands adjusting his light-colored tie against a dark pinstriped suit jacket and a white dress shirt. The lighting is soft, highlighting the texture of the fabric and the man's hands.

LA UNIÓN
EPILOGO
DE VUELTA A TU AMOR



ISABEL CRISTINA ACUÑA C.

DE VOLTA AO SEU AMOR

A UNIÃO - EPÍLOGO



ISABEL CRISTINA ACUÑA C.

Livros

- 1- De volta ao seu amor -Distribuído
- 1.5 A união – Epílogo – Lançamento



Equipe PL

Envio: Soryu

Tradução: Maristela Campbel

Revisão Inicial: Lela Teixeira

2ª Revisão Inicial: Gislaine Vagliengo

Revisão Final: Chayra Moom

Leitura Final: Soryu

Formatação: Chayra Moom

ALERTA

“A tradução em tela foi efetivada pelo Grupo Pégasus Lançamentos de forma a propiciar ao leitor o acesso à obra, incentivando-o à aquisição integral da obra literária física ou em formato e-book. O grupo tem como meta a seleção, tradução e disponibilização apenas de livros sem previsão de publicação no Brasil, ausentes qualquer forma de obtenção de lucro, direto ou indireto.

No intuito de preservar os direitos autorais e contratuais de autores e editoras, o grupo, sem prévio aviso e quando julgar necessário poderá cancelar o acesso e retirar o link de download dos livros cuja publicação for veiculada por editoras brasileiras.

O leitor e usuário fica ciente de que o download da presente obra destina-se tão somente ao uso pessoal e privado, e que deverá abster-se da postagem ou hospedagem do mesmo em qualquer rede social e, bem como abster-se de tornar público ou noticiar o trabalho de tradução do grupo, sem a prévia e expressa autorização do mesmo.

O leitor e usuário, ao acessar a obra disponibilizada, também responderá individualmente pela correta e lícita utilização da mesma, eximindo o grupo citado no começo de qualquer parceria, coautoria ou coparticipação em eventual delito cometido por aquele que, por ato ou omissão, tentar ou concretamente utilizar da presente obra literária para obtenção de lucro direto ou indireto, nos termos do art. 184 do código penal e lei 9.610/1998.”



POR FAVOR, NÃO PUBLICAR NOSSOS ARQUIVOS NO FACEBOOK



Se você viu algum livro publicado do PL no face, sem nossa autorização, converse com a moderação!

Se você gosta dos livros feitos pelo PL, ajude o grupo!!!!

Quem gosta e respeita nosso grupo!

Não publica o arquivo diretamente do face, expondo ao grupo de forma desnecessária



" Não aceitaremos reclamações sobre as traduções do grupo!, Não gostou, leia o livro no idioma original!"

Equipe Pégasus Lançamentos



Sinopse

Melisa Escandón e Gabriel Preciado Lavalle não podiam ser de mundos mais diferentes.

Ela, estudante do último ano de Literatura, e ele, um poderoso industrial de uma das famílias mais ricas do norte do país. Ambos se conhecem no Hay Festival, em Cartagena das Índias.

Gabriel é um homem enigmático, atraente e dominante, que se sente atraído por Melisa de forma imediata e começa a conquista-la.

Melisa é uma jovem inexperiente e inocente, que inicia sua relação com o jovem industrial em meio de uma nuvem de desconfiança.

Enquanto eles vivem um romance apaixonado, a guerrilha planeja o sequestro de Gabriel.

Por vingança, Melisa é implicada no sequestro e desde esse instante tudo se torna um caos que pouco a pouco separa ao casal.

É uma história que entrelaçará sentimentos insuspeitados, equívocos, escuras intenções, conflitos sem resolver, erotismo e o poder do amor e do perdão.

~~*~~

Agora Melisa e Gabriel confrontam de novo o desafio de estarem juntos.

Entretanto, o peso de seus sofrimentos e o tempo que ficaram separados ainda rodeiam a relação.

Começa a verdadeira caminhada, onde as inseguranças e os temores caminham juntos de seu inquebrável amor.

Promessas e sentimentos são renovados.

No epílogo desta história; Melisa e Gabriel, como a ave Fênix ressurgem das cinzas, se reconciliam com seu passado, para dar boas vindas à nova vida que os espera.



Dedicatória

*A minha preciosa filha,
com meus melhores desejos por sua felicidade.*

*Meu amado é meu e eu sou sua.
El cantar de los Cantantes 2:16*



“A tradução em tela foi efetivada pelo Grupo Pégasus Lançamentos de forma a propiciar ao leitor o acesso à obra, incentivando-o à aquisição integral da obra literária física ou em formato e-book. O grupo tem como meta a seleção, tradução e disponibilização apenas de livros sem previsão de publicação no Brasil, ausentes qualquer forma de obtenção de lucro, direto ou indireto.

No intuito de preservar os direitos autorais e contratuais de autores e editoras, o grupo, sem prévio aviso e quando julgar necessário poderá cancelar o acesso e retirar o link de download dos livros cuja publicação for veiculada por editoras brasileiras.

O leitor e usuário fica ciente de que o download da presente obra destina-se tão somente ao uso pessoal e privado, e que deverá abster-se da postagem ou hospedagem do mesmo em qualquer rede social e, bem como abster-se de tornar público ou noticiar o trabalho de tradução do grupo, sem a prévia e expressa autorização do mesmo.

O leitor e usuário, ao acessar a obra disponibilizada, também responderá individualmente pela correta e lícita utilização da mesma, eximindo o grupo citado no começo de qualquer parceria, coautoria ou coparticipação em eventual delito cometido por aquele que, por ato ou omissão, tentar ou concretamente utilizar da presente obra literária para obtenção de lucro direto ou indireto, nos termos do art. 184 do código penal e lei 9.610/1998.”

Capítulo 1

Corria como se sua vida dependesse disso, e era assim.

Com a respiração agitada e o coração a ponto de explodir, de vez em quando olhava para trás.

Só via o verde da selva, que parecia correr atrás para tragá-lo e as árvores que se estendiam como flechas até o céu.

Percebia as gretas e as armadilhas durante seus passos.

Escutava o sussurro dos animais, a revoada de asas invisíveis.

O intenso aroma de clorofila e umidade produziram-lhe náuseas e então o sentiu.

Alguém o agarrava pela corrente que tinha amarrada no pescoço, puxava e puxava, o que o asfixiou.

Tentava se defender com as mãos, mas era inútil.

Outra vez voltava para o buraco negro em que tinha estado quase dois anos.

- Não! Não vou voltar! Malditos, malditos!

- Gabriel pare, por favor, acorda! - Melisa o sacudia para tirá-lo do pesadelo em que se encontrava. Seu corpo se sacudia bruscamente e os dolorosos gemidos lhe partiam a alma.

Abriu os olhos assustado.

Ainda estava imerso na miragem.

- Não! Não! - gritou deitado, ainda gesticulou no ar, o que fez com que Melisa saltasse para o extremo da cama para evitar um golpe.

- Meu amor, está a salvo, está comigo - Melisa se aproximou de novo e se estendeu junto a ele.

- Meu Deus!

Gabriel se levantou em seguida e se sentou na cama com os cotovelos sobre as pernas e a cabeça entre as mãos. Era o quarto pesadelo nos três meses que estavam juntos. Deu a volta e olhou para ela com temor.

- Fiz algum mal a você? Está tudo bem?

A primeira vez que aconteceu a tinha machucado, mas ela sabia que Gabriel ainda não se perdoava por isso. Ficou uma semana sem dormir com ela. Era um homem orgulhoso e Melisa estava ciente de que não gostava de mostrar vulnerabilidade em nenhuma faceta de sua vida. Tinha lhe dado uns dias para que se acalmasse, mas ao ver que passava uma semana e persistia nisso, tinha entrado uma madrugada no quarto de hóspedes e havia dito que se não podia compartilhar o mau, então, tampouco, estava pronta para compartilhar o bom e que voltaria para sua casa. Gabriel no início negou, suplicou, discutiram, até que concordou em dormir de novo com ela. A contra gosto. E com muitas reservas.

Ela se ajoelhou no leito e acariciou suas costas cobertas de suor. Tratou de abraçá-lo, mas ele foi mais rápido e levantou de repente. Caminhou como uma fera enjaulada, levando as mãos atrás da cabeça.

- Não deveria dormir com você.

- Já discutimos isso.

- Está sob minha responsabilidade. Aceitamos até que termine a terapia.

- Meu lugar é com você nesta cama e com toda sua bagagem.

Apesar do tom suave empregado por Melisa, Gabriel sabia que nada a faria mudar de opinião. Quando ela queria, era pura rocha.

- Não quero voltar a machucá-la.

- Não o fará - respondeu-lhe com convicção, - porque se apoiará em mim.

- Assim como você se apoia em mim? - a recriminação em seu tom foi evidente, mas ao ver sua expressão se arrependeu em seguida de suas palavras. - Abraçou-a angustiado. - Meu amor. Preciso tanto, tanto de você... É minha razão, meu amor, meu amor, meu amor...

- Aqui estou para você.

O anseio tão eloquente com o qual a tinha apertado fez que Melisa o abraçasse com vigor para acalmá-lo.

Deixou a angústia de um lado e se vestiu de ternura para ele. Voltaram a se deitar, abraçados. Gabriel apoiou a cabeça no peito de Melisa e fechou os olhos. Acariciava seu cabelo - Descansa minha vida. Prometo que amanhã tudo estará melhor.

- Desejo que esses horrorosos pesadelos passem - sussurrou-lhe depois de um bocejo.

- Ficarão enterrados debaixo dos nossos milhares de momentos felizes. Juro isso a você.

Era sexta-feira e tinham chegado à cabana de Santa Marta nas últimas horas da tarde. Gabriel estava há dois meses imerso em uma fusão importante de uma de suas empresas e tinha pedido, não, pedido não... exigido um par de dias na solidão do lugar. A respiração de Gabriel se normalizou, o que indicava que já havia dormido. Para Melisa foi mais difícil conciliar o sonho. Desejava tanto ajudá-lo. Para um homem que tinha sofrido a experiência de um sequestro tinha evoluído muito bem. Os ataques de ansiedade não tornaram a se repetir, e já tinha reatado sua vida social, que agora ela estava incluída.

Os pesadelos e as lembranças eram as únicas coisas que ficavam da amarga experiência.

Melisa despertou horas mais tarde e observou Gabriel que dormia de barriga para baixo com meio corpo enrolado no lençol. O rosto varonil de seu marido estava relaxado, quis acariciar sua fronte, delinear as sobrancelhas, mas não queria despertá-lo.

Ela sorriu ao ver seus cílios que pelo absurdo de seu comprimento, invejava-os.

Percebeu que as linhas ao redor de sua boca estavam se desvanecendo.

Não ficou sinal do que aconteceu na noite anterior, pelo menos em sua aparência externa. Levantou-se devagar, vestiu-se depressa, tentou silenciar suas ações e saiu do quarto. Começavam a surgir os raios de sol do amanhecer e o som das ondas do mar.

Na cozinha pôs a cafeteira e andou rumo à praia, como fazia todas as manhãs que visitava esse lugar. A paisagem se abriu diante dela como um bonito postal. Deu graças ao céu por poder desfrutá-lo e pela bênção de ter Gabriel de novo em sua vida. Adorava-o, era um sentimento que ia além de tudo o que tinha vivido até esse momento. Seu semblante se escureceu um pouco, ao saber que esse mês não daria a notícia tão desejada por ambos, ainda mais por ela, que desejava tanto ficar grávida, mas parecia que a vida tinha outros planos. Fazia três meses que haviam retornado. Ainda era muito cedo para consultar um médico e depois de tudo o que aconteceu, seu corpo estava pagando, o que pode ter ocasionado alguma ligeira desordem. Esperava que fosse isso e não o aborto que tinha sofrido tempos atrás. Às vezes pensava que vivia em um sonho. Tinha estado muito tempo sem se permitir ser feliz, e outras vezes pensava que um mal acabaria com tudo de novo como há dois anos. Esse era um dos temores que

guardava para si e, pelo visto, não o tinha feito bem, porque Gabriel tinha percebido.

Não lhe passou despercebido a pergunta da noite anterior. Guardava seus receios para não afligi-lo. Desde que haviam voltado, encontrava qualquer pretexto para estar com ele. As horas que Gabriel passava no escritório eram eternas e quando chegava, procurava imediatamente seu contato de maneira alucinante. Acariciava o seu rosto, beijava-lhe os lábios e os olhos, tocava-o em todo momento, apertava-lhe a mão e sabia que Gabriel sabia de sua condição porque estava pior que ela. Com o passar do dia chamava-a dezenas de vezes, e brigava com se ela se atrasasse em alguma diligência. Às vezes notava e ficava envergonhado, e dizia que não desejava sufocá-la ou privá-la de fazer suas coisas, mas o temor de perdê-la ganhava qualquer batalha em seu interior e com isso seu marido não brincava. A seguir observou o mar outra vez e se levantou para voltar para a cabana.

Encontrou-o junto à mesa da cozinha cortando umas partes de fruta. Seus olhos cor de musgo descansaram nela. Melisa sorriu orgulhosa por saber que esse bonito homem lhe pertencia. Caminhou para ele e apoiou o rosto em suas costas e passou as mãos por debaixo dos braços até pousar em seu peito. Vestia um traje de banho e tinha o torso nu. Beijou suas costas e acariciou seu peitoral. Ouviu-o suspirar.

- Bom dia, amor de minha vida.

- Bom dia, preciosa.

Apertou-o mais a ela.

- Melisa, o que está acontecendo?

Era incapaz de lhe dizer a verdade.

- É que sou muito feliz, tenho o marido mais bonito do mundo, além de trabalhador e... - Gabriel grunhiu, deixou em seguida o que estava fazendo, girou devagar, limpou as mãos com uma toalha de cozinha e as apoiou na mesa.

- O que está acontecendo, meu amor? Se for pelo que aconteceu ontem à noite, não tem que...

Ela se perdeu em seu olhar e se abraçou com força nele, para aspirar seu aroma. Sussurrou algo que ele não entendeu.

- Como? - pegou-a pela nuca e levantou seu rosto.

- Tenho medo - confidenciou, com os olhos fechados, negando-se a olhá-lo.

O tom de voz ao serem pronunciadas as palavras o enterneceu. Contemplou-a uns segundos em silêncio, afastou-lhe uma mecha de cabelo e beijou seu nariz. Logo a levou a uma das cadeiras e a sentou em suas pernas como se fosse um bebê. Agarrou suas mãos e beijou suas palmas.

- Do que tem medo?

- Que tudo seja um sonho, e que voltem a nos separar. Que deixe de me amar, e que não possa te dar filhos.

- Shsss... Calma, meu amor.

- É que...

Aproximou a cabeça de seus lábios encontrando a boca dócil e disposta de Melisa. Beijou-a com suavidade, saboreando-a, desfrutando como sempre desse momento mágico que só brindava ele. Segundos depois falou em seu ouvido.

- Não é um sonho e posso demonstrar isso agora mesmo - sorriu diante do olhar dela. - Ninguém voltará a nos separar, amarei você até o último dia de minha vida e mais, lhe darei filhos e filhas com seus olhos e seu coração.

A única promessa que tinha feito era que a amaria até o dia que morresse, que a loucura que tinha passado em Cartagena o acompanharia até o dia de sua morte. Sentia no mais profundo de sua alma. Viver sem ela era como tentar viver sem um coração, era impossível. Mas para o resto das promessas devia revestir de fé, sim, unicamente a fé faria que eles tivessem a vida que mereciam. Sentiu-a mais calma. Abraçou-a e a beijou para acabar com os maus pensamentos. Ele também precisava se convencer de que nada daria errado.

- Jure que não nos separaremos mais, Gabriel - insistia ela.

- Juro por sua vida que é o mais valioso para mim. Juro-lhe isso.

Em seguida, a expressão de Gabriel mudou para um gesto escurecido pelo desejo. Só ela contava com a capacidade de fazê-lo arder com uma simples carícia ou com seu tom de voz suplicante e exigente. Quando pronunciava seu nome, só podia imaginá-la gemendo entre os lençóis.

Levantou-a e a deitou no sofá que tinha mais perto. Entre beijos ansiosos e desmedidos a cobriu com seu corpo. Desejava aguentar um pouco a paixão. Por outro lado desejava possuí-la com urgência, como se lhe fossem arrebatá-la de um momento ao outro. Precisava respirá-la, respirar através dela.

Ansiava dominá-la com ímpeto de paixão. Arrancar-lhe a roupa, fazê-la sua, mil vezes mais, amarrar seu corpo ao dela da ponta dos pés até o mais profundo da alma. Atravessar sua boca com a língua até além da garganta. "Quando passará esta loucura? Quando?" perguntava-se, enquanto observava-a enrubescida e apaixonada. Melisa arqueou as costas ao entrar em contato com o peito de Gabriel e começou a gemer quando suas mãos empreenderam o caminho dos seios.

- Você me deixa louco... - sussurrava enquanto a despiu do maiô e afundava os dedos entre suas nádegas, ao tempo que a acomodava para desfrutá-la.

- Não era essa minha intenção - respondeu ela com simulada seriedade a ponto de soltar a gargalhada. Desejava-o todo o tempo.

Fulminou-a com um olhar inexorável e em tom rouco lhe ordenou: - Quero que seja sua intenção sempre.

Amaram-se no sofá. A cabana foi testemunha dos gemidos desmaiados de Melisa, das aspirações roucas de Gabriel, da liberação dos dois, do desejo de Gabriel de chegar com suas investidas a algum ponto inalcançável, das palavras de amor que se afastavam para perder-se com o som das palmeiras e das ondas do mar. Quando caiu exausto sobre ela, acariciou-a com ternura e lhe beijou a testa, pôs seu cabelo atrás da orelha e aspirou seu fôlego enquanto saboreava seus lábios entreabertos. Ela sorriu com os olhos ainda fechados.

- Porque está sorrindo?

- Porque tão logo abra os olhos vou encontrar o homem mais bonito que já vi.

Ele soltou uma gargalhada e acariciou seu abdômen.

- Bonito - disse em tom jocoso - Então sou bonito.

- Meu Deus! O que eu disse? - abriu um olho e sorriu - O que nós, as mulheres fazemos depois de um orgasmo?

A seguir tratou de levantar-se, mas seu marido tinha outros planos.

- Sempre dizem a verdade.

Deslizou com ela fazendo cócegas e brincadeiras e a fez repetir e prometer tudo o que lhe ocorreu.

O resto do dia, eles passearam pela praia, tomaram sol e pela tarde percorreram a cidade e os arredores. Melissa comprou

artesanatos e uma bolsa feita por índios *arahuacos*¹. Chegaram à cabana e tomaram banho juntos, depois de fazerem amor de novo. Antes Gabriel tinha pedido que se arrumasse para um jantar formal. Melisa pensou que voltariam a sair, pois não havia dito mais nada. Quando se reuniram na sala, Gabriel assobiou.

- Está linda.
- Não tanto como você.

Gabriel sorriu com o gesto de complacência. Vestia uma calça de linho e também camisa solta de linho. Melisa recordou a noite de seu primeiro jantar no restaurante de Cartagena.

O vestido dela era simples, de cor marfim de algodão por baixo do joelho, sem mangas e um pequeno decote que mostrava um pouco de pele ligeiramente bronzada. Puxou-a pela mão e a levou por um caminho de tochas a uns metros da praia, para uma mesa arrumada de forma elegante. Um amável garçom se aproximou.

- Meu amor, que surpresa!
- Para você o melhor.

Tinha agido de forma sigilosa, pois Melisa não se deu conta de nada. Achou estranho que Gabriel tivesse mandado prender algumas tochas, pois tinha proibido aos guarda-costas de se aproximarem da cabana. Estava encantada, a comida tinha sido encomendada a um dos melhores restaurantes da cidade, e consistiu em um prato de frutos do mar banhado em vinho branco e salada grega. A noite estava perfeita, a lua brilhava e uma suave brisa balançava as palmeiras quase ao mesmo ritmo em que as ondas do mar quebravam na praia. O momento era mágico, o amor flutuava no ambiente. Ao longe, na cabana, chegavam os sons de uma canção que tocava no CD.

Gabriel a convidou para dançar, pegou seu corpo ao ritmo de um bolero instrumental. Não era boa dançarina, mas junto a ele flutuava. Gabriel posou suas mãos nas nádegas dela.

- Atrevido! O que o garçom dirá? - sussurrou Melisa, um pouco envergonhada.

¹ Arawak, Arawak araguaco ou é o nome genérico dado a vários povos indígenas que foram assentados no Caribe e na região desde a chegada dos espanhóis no século XV. O nome também foi posteriormente aplicado a várias etnias que falam ou falavam línguas da família Arawak e tradicionalmente habitada uma vasta área entre o atual Flórida e Antilhas, Venezuela, Peru, oeste, sul Brasil e até mesmo Bolívia e Paraguai. Na verdade, esta família de línguas é uma das mais difundidas na América do Sul. O termo não deve ser confundido com Arawak arhuaco usado para designar grupos étnicos na Colômbia da família chibchas, nem todas as pessoas cuja língua é considerada arahuacana são realmente Arawaks.

- Muito atrevido? - acariciou-a com mais ímpeto e a puxou mais ainda para ele - O mandei embora faz uns segundos, com um gesto. Estamos sozinhos.

- Seus seguranças estão em algum lugar e certamente não tiram os olhos de nós.

- Dei-lhes um momento de folga, não se preocupe.

Abraçou-a e sussurrou em seu ouvido a canção da melodia que vinha da casa, com uma voz profunda e escura que a fez estremecer: *"Me beije, me beije muito, como se fosse esta noite a última vez"*.

Nesse momento a obrigou a olhá-lo e continuou cantando: *"Tenho medo de te ter e te perder depois"*. Gabriel deixou de cantar e voltou a puxá-la em seu peito. Melissa estava além da emoção, parecia que seu coração ia estalar de gozo pela felicidade compartilhada. Ao terminar a canção voltaram para a mesa. Gabriel não deixava de olhá-la, tirou uma pequena bolsa de veludo azul escuro e a estendeu.

- Meu amor...

Gabriel desejava cobri-la de joias da cabeça aos pés, mas sabia que isso não faria sua esposa feliz. Entretanto, assim que viu a pedra da joia que Melissa estendeu em suas mãos, mandou desenhar o que para ele era um símbolo de seu amor.

- Gabriel...

Ele sorriu diante o gesto dela.

- Você gosta?

- É... - expressou sem fôlego - linda.

Era uma bonita gargantilha em ouro branco, com as iniciais dos nomes dos dois, unidas por um coração que era um diamante azul claro encravado em uns arreios de diamantes prateados. Melisa nunca tinha visto uma pedra tão perfeita. Era um fino trabalho de joalheria. Gabriel a contemplava ansioso.

Melissa encheu os olhos de lágrimas diante do que significava, ou o que acreditava que significava, e não se enganou.

- Assim que vi a pedra lembrei-me de você na praia de Barú. Disse-lhe mil vezes que a cor de seus olhos é o mesmo - pigarreou, emocionado. Gabriel se levantou, se aproximou dela e pegou a joia. - Essa tarde me enfeitiçou e bendito seja o momento em que meu coração deixou de me pertencer. É todo seu. Observa-o, está ocupado por você. É um símbolo do meu amor que quero que leve sempre. Tem meu coração em suas mãos.

Pôs a joia com um gesto nervoso, e quando a fechou não pôde evitar acariciar sua nuca. Ela sentiu que essa carícia a queimava, queria se desfazer, baixou o toque de suas mãos, derreter-se de amor nessa praia mágica.

Melissa nunca esqueceria essa noite, a lua imensa, as estrelas esparramadas no céu, e o olhar verde musgo de Gabriel a envolvia, escravizava-a e a liberava, a fazia sentir-se viva.

- Meu amor - disse emocionada - Eu te amo. Uma vida não será suficiente para dar rédea solta ao amor que sinto por você. Quero despertar todos os dias entre seus braços, rir entre seus lábios e que me olhe assim sempre.

- Quero que se case comigo.

Ela sorriu.

- Já estamos casados.

- Na Igreja.

- Aos olhos de Deus já estamos casados - respondeu reticente.

- Preciso fazê-lo, amor - ele assinalou, enquanto tratava de convencê-la.

- Não é necessário, sinto-me sua esposa há muito tempo - sorriu e acariciou seu rosto - Há um papel assinado por aí, em algum lugar - respondeu querendo encerrar o assunto.

Tinha estado tão desgostosa com Deus por tudo o que aconteceu, que parecia uma hipocrisia se plantar diante de um sacerdote para abençoar sua união, mas Gabriel pensava diferente; apesar de que tinha sido pouco crente ou até onde ela sabia, a arrastava para a igreja aos domingos.

- Quero começar do zero.

- Por quê?

- Meu amor, quero pôr o mundo aos seus pés. Nunca imaginei, quando nos conhecemos em Cartagena, que pudesse existir um sentimento semelhante. Você me faz o homem mais feliz do mundo e quero que você se sinta igual. Já me deu muitas coisas. Disse a você uma vez, que ao seu lado sou uma pessoa melhor. Por favor, tudo isto que sinto, quero que Deus abençoe.

Ela o olhou com dúvida.

- Não sei...

Ele lhe apertou as mãos e dirigiu um olhar agudo. Parecia adivinhar tudo o que acontecia na cabeça dela.

- Meu amor, Deus impediu que eu terminasse com minha vida nessa selva.

- Gabriel, assim você me mata - disse com a voz entrecortada de angústia - Ele não te ajudou, deixou que sofresse todo esse tempo.

- Querida - ela fechou os olhos de repente, -me escute, por favor. Se você não me escutar, quem vai escutar? Não faço para atormentá-la, só quero que me entenda. Você está equivocada, Deus guiou todos os meus passos, liberou-me de coisas piores e me deu a esperança de um amanhã melhor. Sem ele não teria durado nem um mês. Vivi em um inferno e, entretanto, havia pequenas coisas que me indicavam que Deus estava comigo. Visitava-me em sonhos, meu coração O recebia nas noites. Sentia, Melisa, sem saber quem era e se isso não for um fodido milagre, então eu não sei mais o que possa ser.

Olharam-se fixamente. Para Melisa, a visão de Gabriel se tornou imprecisa.

- Não suporto pensar em tudo o que teve que passar. - Gabriel a abraçou e acariciou seu cabelo.

- Estamos juntos de novo e é a única coisa que me importa. Não vou te pressionar mais, se não deseja se casar na Igreja está... - ela o sossegou com um dedo nos lábios que se transformou em carícia, fixou sua mandíbula com a outra mão. Melisa faria qualquer coisa por ele. Seu marido tinha sofrido algo abominável, algo que ninguém deveria sofrer neste mundo. Apesar de toda sua poderosa força era um homem ferido, vulnerável e não iria dar motivos de preocupação.

- Como posso negar algo a você se é o centro da minha vida? Se todas as manhãs tiver o privilégio de despertar ao lado do melhor homem do mundo, o homem que amo, acima de tudo. Faremos isso, meu amor.

- Está certa disso? Quero um grande casamento, mas se desejar um pouco mais íntimo nós o faremos.

Além dos motivos que deu a Melisa, Gabriel desejava na alma apagar a maneira tão detestável com que sua família a tinha tratado durante o sequestro. Embora, depois, seus pais a tivessem compensado de alguma forma, o remorso seguia aí. Desejava dar-lhe novas lembranças, depois de a ter tratado mal em Nova York. Além disso, embora a notícia da implicação de Melisa como suspeita do sequestro nunca esteve nos meios de comunicação, seu pai se assegurou disso,

não queria suspeitas, nem mal entendidos, e a melhor forma era fazendo um casamento com todas as pompas.

Precisava mostrar ao mundo que Melisa era sua de corpo e alma, que essa mulher excepcional lhe pertenceria para sempre.



Capítulo 2

Retornaram a Bogotá no dia seguinte, descansados e bronzeados, para mergulhar no turbilhão dos preparativos do casamento.

Quatro semanas depois já não estava tão certo. Entre sua mãe, sua sogra e a cerimonialista do casamento, o estavam deixando louco. Optou pela saída de todos os homens, quando se tratava de decisões caseiras: deixou tudo nas mãos de Melisa e uma organizadora de casamento. A única coisa que exigiu, em meio da negociação, era que o casamento fosse celebrado em Cartagena.

Melisa agiu como um general com a organizadora de eventos, disse a Gabriel que a partir desse momento ela se encarregaria de tudo e soube manter a raia de Amália e Mariela que, embora bem-intencionadas, não compartilhavam do mesmo parecer quanto à decoração, pratos e menus. Manteve os preparativos em segredo e queria que Gabriel ficasse encantado.

Enquanto isso, Gabriel, já imerso em seu trabalho, recebeu a visita de Joaquim Campos, o guerrilheiro desmobilizado a quem tinha prometido trabalho assim que terminasse o curso de informática que fazia em uma entidade do Estado. Recebeu-o em seguida. Notou que o jovem estava um pouco cansado ao entrar no escritório. "A mudança de ares" sentenciou Gabriel em seus pensamentos. Respondeu à saudação com um grande aperto de mão, mas notou algo úmido. Convidou-o a se sentar e depois pediu à secretária, pelo interfone, que trouxesse café.

- Já terminou o curso?

- Sim, Dom Gabriel. Trago os papéis que me certificam como perito em informática.

Gabriel agarrou o dossiê e leu cada um dos papéis.

- Tirou boas notas.

- Sim, senhor.

Outra vez o silêncio. A secretária entrou com uma bandeja. Joaquim pegou a xícara com um gesto nervoso.

- Voltou a falar com algum deles?

Joaquim sabia que com "eles" se referia ao grupo que tinha pertencido até um ano atrás.

- Não, senhor. Não estaria aqui neste momento.

- Entendo. Deixou currículo em outras empresas? - perguntou Gabriel ao tempo que desviava seu olhar ao jovem.

- Sim, senhor - duvidou um momento e Gabriel terminou por ele.

- Eu fui seu último recurso - o jovem assentiu. - Por quê?

Olhou-o calado durante uns segundos.

- Envergonha-me o que aconteceu. Não é fácil para mim olhar seu rosto.

- Então, por que não aceitou a proposta em outro lugar?

O olhar de angústia e desespero de Joaquim tocou uma fibra sensível na alma de Gabriel. Este jovem tinha uma família para manter.

- As pessoas não querem nada conosco, Dom Gabriel. Pensam o pior.

Gabriel quis culpa-lo de muitas coisas. Dizer que eles mesmos eram os culpados de sua atual situação, mas não ganharia nada com isso. Ficou um instante pensativo e de repente, lhe ocorreu uma ideia.

- Quantas pessoas vivem com você e quantos são chefes de família?

- Somos doze neste momento e oito são chefes de família.

- Vamos fazer o seguinte.

"Chegou o momento de sujar as mãos por outros", pensou surpreso de ver até onde tinha mudado por Melisa, pelo sequestro, pela vida, enfim...

- Preciso que me reúna uma informação.

O jovem o olhava desconfiado.

- Não vou acusar ninguém.

- Não se trata disso. Deve aprender a confiar em mim. O que vou te expor tem a ver com seu futuro e do resto de seus companheiros.

- Estou escutando.



Mariela circundava ao redor de Melisa enquanto esta preparava o jantar de Gabriel. Embora tivesse empregadas de sobra para isso, gostava de tratar seu marido com atenção com algum prato preparado por ela. Era noite de lasanha. Ralava o queijo de forma brusca e impaciente. A rigidez em seus gestos transmitia claramente seu estado de ânimo.

- O pobre não tem culpa.
- Do que você fala?
- Não está ralando o queijo, está amassando.

Melissa soltou os utensílios e pediu a Antônia, uma das empregadas, que continuasse com o trabalho. Enquanto isso ela se dirigiu a um dos móveis e tirou um par de bandejas de vidro.

- Quero que leve uma bandeja para papai.
- Lamberá os dedos, estou segura.

Melissa tinha tido suas regras essa tarde e se sentia miserável. Tão logo suas regras terminassem pensava ir ao ginecologista. Já era hora de examinar e averiguar qual era o seu problema. Não queria que sua mãe se inteirasse, mas percebia seu olhar e sabia que algo andava mal. Mariela, além de sábia, era bruxa. Mexeu o molho à bolonhesa com a colher de pau e deixou em um prato de porcelana. A seguir passou a preparar o molho branco. Em uma frigideira jogou uma barra de manteiga que chispou e invadiu o lugar com seu aroma, mesclou-a com farinha de trigo até obter uma massa suave, adicionou-lhe o leite sem deixar de mexer e logo a cebola ralada e pediu a Antônia a pimenta.

Montou a lasanha enquanto fazia perguntas banais a Mariela sobre a joalheria e a exibição das diferentes peças em um estande de uma importante feira que lhes tinha trazido bons contatos.

Melisa se surpreendia pelo preparo de sua mãe ao abordar o tema da joalheria. Sentia-se orgulhosa dela. Depois de um par de minutos de silêncio, e quando colocou as duas bandejas no forno e despachou Antônia da cozinha, sentou-se junto a ela ao redor da mesa auxiliar com xícaras de chá.

A cozinha era uma mescla de aromas agradáveis: orégano, ervas finas, misturado com o aroma da cebola e da lasanha que saía do forno. Todos os eletrodomésticos eram de última geração. Melisa adorava o lugar.

- Vai me dizer o que está acontecendo?

Melissa pegou a xícara com as duas mãos e bebeu o líquido quente.

- Menstruei esta tarde.

- Entendo.

- Algo deve ter acontecido quando perdi meu bebê - o tom utilizado denunciava que ainda doía profundamente essa perda - Foi tão fácil a primeira vez que engravidei.

- Passou por muitas coisas. Deixa que seu organismo encontre o equilíbrio por si só. Não se pressione ou será pior.

- É que quero que tudo seja como antes do sequestro.

- Nada será como antes, deve entender isso. Vocês são pessoas diferentes, com uma profunda experiência dolorosa nas costas. Mas são jovens... Desfrute destes momentos com seu marido! Tiveram sua vida suspensa por um tempo, estão recém-casados, estão aprendendo a se conhecer e a conviver. Além disso, as mulheres de minha família demoram a engravidar. Você chegou depois de sete anos de casamento.

Melissa a observou com gesto desolado.

- Desejo tanto um filho...

- Você quer que o filho que perdeu volte, esse é o problema. Como vai conseguir ficar grávida se não o deixa ir?

- Como se fosse tão fácil.

- Gabriel te pressiona de alguma forma para ter filhos?

- Não, como está pensando! Tratei de esconder meus sentimentos.

- Esse seu marido bebe os ventos por ti de uma maneira... - pôs os olhos em branco. -Se soubesse como se sente, procuraria uma solução só para não vê-la tão preocupada.

- Eu sei.

- Paciência, Melissa, paciência. Se não for seu momento agora será em outro e se estressar será pior. Deve consultar um médico, essa ansiedade não é normal. É uma mulher forte apesar de seus temores. Não se deixe dominar por seus medos. Bom, mudando de assunto, já escolheu o vestido?



Uma semana depois Gabriel chegou do escritório e Melissa estava na mesa com algumas pastas nas mãos, nas quais havia uma proposta que uma assistente social tinha feito chegar em suas mãos, com uma solução para as vítimas da violência de sequestro que voltavam para suas terras em várias regiões do país.

Melissa estava avaliando entre vários projetos para escolher um e levá-lo a cabo com o dinheiro que Gabriel tinha destinado para isso. Tinham iniciado o processo de criar uma fundação, e todos os trâmites legais e comerciais levariam um tempo.

Ao trocar olhares, Melisa se sentiu bonita e amada ao receber um beijo e um abraço de Gabriel, invadiu a vitalidade que ainda trazia seu marido depois de uma dura jornada de trabalho.

- Tenho que te contar algo - disse enquanto tirava o casaco e o colete. Melissa o recebeu e o pôs em uma cadeira. Levou-o ao sofá com ela.

- Estou ouvindo.

Gabriel relatou um pouco envergonhado, o ocorrido com Joaquim Campos meses atrás ao sair do botequim, mas o olhar de Melisa destilava compreensão e aceitação. Então ele relaxou e falou das desculpas e da visita que tinha feito ao jovem umas semanas antes, e logo contou o que tinha em mente.

Depois que Joaquim saiu do escritório, tinha chamado Álvaro e tinha exposto a possibilidade de criar uma empresa de serviços somente como o pessoal desmobilizado de grupos ilegais.

Depois de estudar várias ideias, decidiram pela criação de um centro de atenção ao cliente, que teria contrato com uma das maiores empresas de celular do país. Se o projeto funcionasse bem na capital, Gabriel poderia estendê-lo a outras partes da Colômbia.

Melisa escutava-o atordoada. "Sabia", pensava exultante. Assim que o conheceu sabia que estava diante um homem fora do comum e outra vez o orgulho a invadiu por poder percorrer o caminho de vida junto dele.

- E então? O que acha?

- Deixou-me sem palavras...

- Vem, quero mostrar o trabalhado feito até agora.

Sentou-se atrás da mesa de frente ao computador. Melisa o seguiu. Gabriel abriu o *e-mail* e mostrou cifras e demais dados.

- É uma grande ideia, meu amor. Por que não me disse nada?

- Queria te fazer uma surpresa e quando tivesse tudo mais ou menos pronto, lhe pediria ajuda.

- Precisa do quê?

- Quero que me ajude a levar o projeto. Seria minha assistente. Preciso que procure uma psicóloga, mas não de empresa, quero alguém com alguma especialização. Esses meninos necessitam de muita ajuda, além do trabalho que vou lhes dar.

Melissa passou a mão no cabelo e repetiu: - Assistente... Terei um escritório ao lado do seu?

- É óbvio.

Gabriel encostou-se à cadeira e Melisa sentou no seu colo e o abraçou.

- Acho que tem um problema, senhor Preciado – frisou bem no sobrenome.

- Fale.

- A sua esposa não vai gostar que contrate uma assistente tão jovem.

Gabriel arqueou uma sobrancelha diante do tom utilizado por ela e ficou olhando. Notava que estava tensa fazia dias e não sabia o por que. Tinha tentado que lhe confessasse o que estava acontecendo, mas ela se negava. Pensou que eram os preparativos do casamento, mas curiosamente, Melisa tinha um dom de organização que fazia que tudo andasse sobre rodas. Logo o surpreendeu que seus olhos brilhassem com deleite e o sorriso que acompanhou suas palavras. Gabriel continuou no jogo.

- Não saberá se não dissermos nada. Mas primeiro, deverá passar na entrevista para conseguir o trabalho.

- Estou preparada.

Levantou-se e se sentou escancarada sobre ele.

- Para o que está preparada? - a voz de Gabriel se tornou rouca e evidentemente sedutora.

- Para iniciar um tórrido romance com você, senhor Preciado.

- Bom.

Gabriel baixou a cabeça com rapidez e cobriu a sua boca com a dele e o mundo começou a girar ao responder à cobiça com que beijava sua esposa. Não se afastou quando murmurou: - Repita o “senhor Preciado”, me deixa quente...

- Senhor Preciado - dizia enquanto afrouxava seu nó da gravata e desabotoava a camisa.

Assim que teve seu peito descoberto o acariciou com os lábios, enquanto um calafrio sulcava sua pele. Gostou da maneira que Gabriel entreabriu os olhos, - está será uma das vantagens de me ter como assistente.

- Você é endiabradamente sexy. Isso é um problema – sussurrou-lhe, enquanto acariciava seus braços de cima a abaixo.

Sem tirar o olhar dela, levou a mão à gargantilha que Melissa não tirava desde o dia em que Gabriel a tinha posto, prolongou a carícia até a fenda da garganta.

- Para quem? Para você, senhor Preciado, ou para sua esposa?

- Para ambos.

- Pode apostar seu doce traseiro que sim. Não sei se poderei manter as mãos longe de você trabalhando tão perto.

- Deseja que demonstre alguma habilidade em especial?

- A que você considere conveniente para assegurar o trabalho.

As palavras pronunciadas por Gabriel foram como uma carícia sensual que quase a fez se derreter. Melisa suspirou quando sua boca roçou de novo os lábios de Gabriel e introduziu a língua, beijando primeiro os cantos da boca. Logo levou os lábios ao lóbulo da orelha, que beijou e mordiscou durante um momento.

- Quão tórrido será o romance?

- Não tem ideia..., senhor Preciado.

Ela se ajoelhou aos seus pés. Gabriel guardava em sua mente todas as posições usadas por ela, mas isso lhe deu uma aura de submissão que fazia com que um desejo primitivo de dominar o invadissem. Ela terminou de desabotoar sua camisa, desabotoou a fivela do cinto e, com dificuldade, deixou o membro descoberto. Erguido, duro e quente. O rosto de Gabriel mudou assim que o tomou em sua boca. Estremecia absorto de excitação e amor diante das carícias dos lábios e da língua de sua mulher. Seus gemidos encheram o lugar durante vários minutos.



Capitulo 3

Melissa acomodou os brincos de diamantes e olhou seu reflexo no espelho. Em uns minutos sairiam para uma recepção em um conhecido clube de Bogotá. Era uma arrecadação de fundos que fazia um grupo de fundações para as vítimas do conflito armado.

O vestido que usava era um Christian Dior azul marinho sem alças e justo no corpo. O cabelo estava liso e os lábios pintados de vermelho sangue.

Assim que Gabriel entrou no quarto procurando por ela, ela girou sobre si até chegar a ele.

- Então?

- Está muito linda, meu amor - pronunciou com total devoção e franziu o cenho ao reparar na cor dos lábios que fazia sua boca ainda mais sensual.

Melisa o abraçou pelo pescoço, acariciou a lapela do smoking e sussurrou em seu ouvido: - Você sim é que está bonito. Todas as mulheres terão inveja de mim.

- E eu terei que afastar os bastardos. Certamente vão ficar babando por você.

- Não haverá necessidade disso porque estaremos juntos todo tempo.

- Será uma noite muito longa. Não deixarei de pensar no momento em que esse vestido estará aos seus pés.

- Depravado como sempre

- A culpa é sua.

- Só minha.

- Por acaso duvida disso?

- Não.

Chegaram ao clube, desceram do carro, saudaram alguns conhecidos e entraram. Gabriel apertou Melissa em atitude protetora. Ela sorriu um pouco nervosa com o flash de uma câmara. Tomou uma taça de champanhe que seu marido lhe entregou, o líquido a relaxou e se dedicou a observar o lugar. Era um salão sóbrio e distinto. Respirava a dinheiro antigo. Do teto penduravam lustres de cristal que iluminavam de maneira estratégica o local, obras de arte adornavam as paredes.

As mulheres estavam elegantes em seus trajes de noite e os homens todos com smoking. Os garçons circulavam pelo recinto com bandejas com diferentes bebidas.

Minutos depois, Melisa transitava entre os convidados como se tivesse nascido para essa vida, percebia os olhares de alguns dos convidados e sabia de cor o que passava por suas mentes.

Estavam intrigados pela novidade: a partir do momento, o homem duro de negócios, o sobrevivente de um horror estava apanhado, tinha caído nas redes de uma mulherzinha que o tinha atado com um dedo. Já tinha ouvido vários comentários a respeito, uns quantos jocosos, outros sarcásticos e os últimos com um quê de inveja.

Não importava o que diziam, tratava de desfrutar de tudo e se acomodava a tudo para fazer seu marido feliz.

Gabriel saudou a vários conhecidos com a mão. Álvaro Trespacios e um casal conhecido se aproximaram. Imediatamente os rodearam várias pessoas e começou uma enxurrada de apresentações e nomes que distraíram Melisa um bom momento.

- Senhora Melisa de Preciado? - perguntou uma mulher ao seu lado.

- Sim, sou eu - respondeu Melisa olhando para ela com curiosidade. Afastou-se uns metros de seu marido, atraída por uma das pinturas. A jovem deu a mão a ela em um aperto firme. Teria a mesma idade que ela, era baixa, mas voluptuosa e com uns bonitos olhos verdes amendoados que lhe davam um ar sensual. Vestia um traje comprido de chiffon vermelho, não tinha quase nenhuma joia. Uns discretos brincos e uma corrente que terminava dentro do vestido, ocultando o que pendurava ao final da mesma. Apesar de sua beleza, percebeu nela uma aura de tristeza.

- Sou Olivia Ruíz Manrique, desculpe a intromissão. Você não me conhece.

- É um prazer, Olivia - e em seguida reconheceu o nome porque estava em uma das pastas com os diferentes projetos que tinha estudado uns dias atrás. Era um plano muito ambicioso.

- O prazer é meu. - Quero felicitá-la por seu trabalho social. A cruzada que iniciou com seu marido é de admirar. Nem todas as pessoas são capazes de se reconciliar com os traumas de sua vida.

Fazia dois meses que estava em andamento o projeto com os desmobilizados. Uma revista de alta circulação tinha feito uma reportagem no dia da inauguração. Na fotografia Melisa e Gabriel davam a mão a Joaquim Campos.

O título, "Os sobreviventes", tinha dado a volta ao país. Gabriel estava superando esse fato tão terrível. Os pesadelos não voltaram a acontecer e isso lhe dava um olhar mais relaxado.

- Muito obrigada, Olivia.

- Sobreviver a qualquer conflito significa voltar e recomeçar. - É difícil, algumas situações sempre viverão conosco. Meu marido e eu estamos muito satisfeitos com os resultados. Se não houver perdão é muito difícil seguir em frente.

- Sei do que está falando. Quem dera todos neste país tivessem força para superar as feridas - mexeu a cabeça para afugentar os maus pensamentos. - Me perdoe que a aborde desta forma. Por acaso já olhou uma pasta que lhe enviei faz uns dois meses com uma proposta para a construção de uma casa de paz?

- Claro que sim - Melisa tirou um cartão da bolsa e lhe entregou. - Marque uma hora, mas que não seja logo. Gabriel e eu nos casaremos em duas semanas e viajaremos durante um mês.

- Não há pressa, eu também viajarei uns meses. Eu espero que você não se esqueça de mim quando eu voltar a chamá-la.

- Não a esquecerei.

- Deseja dançar, bela dama? - disse a voz de Gabriel atrás dela. Sem importar com a presença de Olivia, apertou-a em seus braços.

- Claro que sim. Vemo-nos depois, Olivia. Foi um prazer.

Dirigiram-se à pista e dançaram ao som de uma alegre melodia que tocava uma pequena, mas famosa orquestra.

- É a coisa mais importante que há em minha vida.

- Sério?

"Você sim que é bonito", refletiu ela ao se derreter diante dos olhos verdes de seu marido.

- Nunca duvide disso. Estou louco para me casar com você.

Ela sorriu.

- Já estamos casados.

- Não me sentirei casado até que entre na igreja.

Melisa se aproximou mais dele e acariciou seu peito com a ponta dos dedos.

- Cheira delicioso - disse quando dava um beijo em seu pescoço.

- Continue assim e vou lhe tirar daqui rapidinho.

Melissa só sorriu, jogou os braços em seu pescoço e continuou dançando. Quando a música acabou se dirigiu ao banheiro das senhoras para se refrescar, retocou os lábios e conversou com uma mulher mais velha que a felicitou por seu iminente casamento. Saiu de novo para o salão.

Seu olhar ficou congelado ao ver Gabriel em companhia de uma voluptuosa mulher que, em um dado momento, acariciou a lapela do seu smoking; sorria. Aproximou-se devagar e observou seu rosto, percebeu que era a mulher que tinha saído com Gabriel e sido fotografada em uma revista meses atrás, quando não se lembrava de nada de sua relação.

O ciúme a dominou e quis agarrar à mulher pelo cabelo no momento em que suas mãos tocaram sua bochecha. Gabriel a retirou de forma diplomática, mas Melisa não se importou com isso. Já estava furiosa. A mulher insistiu e sussurrava coisas perto de seu rosto.

- Interrompo? - assinalou sem deixar de olhá-los. Em seguida ela se retirou como se tivesse sido pega em flagrante.

- Vem meu amor - Gabriel apertou sua mão e a levou pelo braço - Apresento Delia Castro, uma amiga.

Notou o gesto chateado diante da interrupção e o olhar de hostilidade que lhe dirigiu. Melisa desejou na alma poder marcar território de alguma forma. Enganchou-se ainda mais no braço de Gabriel e ele pôs sua mão em cima da dela.

- Muito prazer - saudou-a com um gesto frio.

- O prazer é meu, querida - olhava-a de cima abaixo. - Estava com Gabriel, lembrando os velhos tempos.

- Delia está trabalhando em um novo projeto que se ligará as mulheres chefe-de-família.

- O que considerava... - respondeu Melisa com olhos como adagas.

A mulher ignorou o comentário e olhou para Gabriel com um gesto íntimo que indicava o ocorrido entre eles tempo atrás.

- Temos muitas coisas em comum, querida.

Gabriel pigarreou incomodado e se despediu dela. Delia, é obvio, deu-lhe um beijo na bochecha, muito perto da boca, que Gabriel soube evitar com cortesia. Melisa não deixou que se aproximasse e com um movimento de cabeça se despediu dela. Queria arrancar seus olhos.

O ambiente com que tinham chegado à festa se desfazia a cada minuto que passava depois do infeliz encontro.

Gabriel sabia que Melissa estava chateada. Notou-a séria e distante no momento do jantar, comeu pouco e bebeu duas taças de vinho a mais. Nesse passo ficaria bêbada. Sua esposa não estava acostumada a beber.

Então, deu-se conta que Melissa começou uma conversa com um homem jovem que estava sentado ao seu lado. Escutava-a rindo enquanto falava com um amigo de seu pai sobre as quadras de golfe de um novo clube.

Tentava lhe fazer ciúme, o faria pagar pelo comportamento de Delia. Tinha conseguido. Seu mau gênio deixaram seus músculos tensos. Queria tirá-la dali arrastada diante de cada gargalhada que escutava.

Tão logo deu por terminado o jantar, Gabriel, sem esperar o consentimento dela, tirou-a do salão, fez gestos para o guarda-costas e, em questão de minutos, já estavam dentro do carro.

Cada um guardou silêncio por respeito ao chofer e ao segurança que ia no banco adiante.

A tormenta estalou tão logo entraram no elevador.

- O que dizia o imbecil que estava ao seu lado no jantar?

- Coisas... - respondeu ela, enquanto olhava as unhas.

- É uma descarada!

Em seguida Melissa levantou o olhar.

- Descarada eu? Eu! O descarado foi você e sua amiguinha.

- Não mude de assunto. Esse imbecil estava te paquerando e correspondia muito bem.

- Eu não sou como você. Parecia muito tranquilo com a mão dessa mulher em sua bochecha.

Melissa observou as luzes do elevador. Desejava chegar à tranquilidade de seu quarto o quanto antes.

- Do que está falando? E olhe para mim quando falo com você.

- Quando saí do banheiro os observei e os vi muito açucarados. Sorria para ela! - gritou - Para ela! A mulher com quem teve uma aventura enquanto eu estava como uma soberana imbecil te esperando em Nova York.

- Não sabia que você existia.

A porta do elevador abriu e Melissa atirou irritada a bolsa na primeira mesa com a qual tropeçou.

- Sim, essa é sempre sua maldita desculpa - continuou falando enquanto caminhava para o quarto.

Gabriel a seguiu.

- Pois para mim não serve! Não quero ver outra mulher te rondando, Gabriel, ou não respondo por meus atos. Você é meu e eu não compartilho. Se desejar liberdade então está com a mulher errada e nesse caso é melhor que cancelemos o casamento.

Ele abriu os olhos surpreso.

- Melissa, já estamos casados.

- Ah! Agora estamos casados. Agora serve para você a cerimônia que não achava válida.

Gabriel fechou a porta ao entrar no quarto.

Ela rodeou com os braços a cintura e esperou que ele falasse. Gabriel estava apoiado na porta com as mãos atrás, soltou a gravata-borboleta do smoking que pendurava a cada lado.

"É um homem muito bonito", pensou Melissa em meio de sua raiva, fora de série. Como as demais mulheres não foram atrás dele? Detestava cenas de ciúmes, sempre tinha julgado de forma dura as cenas de Gabriel; agora o entendia.

A ferida do ciúme era uma sensação horrível. Ao vê-lo tão seguro de si mesmo sentiu os dentes rangerem.

Melissa era uma mulher orgulhosa, não queria que ele percebesse as inseguranças que a angustiavam todos os dias, pois às vezes

pensava que não era boa para ele. Mas nem louca o deixaria saber o que a atormentava.

Lutou com o zíper do vestido, este caiu a seus pés e deixou seu corpo descoberto, meias de seda azul transparente e ligas completando o visual. Entrou no closet para se trocar, mas a voz de Gabriel a deixou em seu lugar.

- Deixe as meias. Tire todo o resto, mas deixe as meias.

Então, girou furiosa e caminhou para ele.

- Por Deus, Gabriel! Estamos falando de casamento e você fala de minhas meias. É um retorcido.

- O casamento não está em discussão - respondeu com um tom de voz rouco - Não tenho nada com Delia nem com nenhuma outra, e me incomoda que paquere com qualquer um assim que se sente insegura.

- Insegura eu? - interrompeu - Está louco! Eu não estou insegura.

- Está.

- Advirto-lhe e repito Gabriel - fez ênfase nas palavras sem deixar de olhá-lo - não quero que olhe a ninguém mais. Você é meu. Não vou permitir que outra mulher ponha as mãos em cima de você - irritou-se de novo. - Incomoda-me que tenha sido precisamente ela. Essa mulher te conhece, sabe como você é nu. Adoece-me que o tenha tocado!

A seguir entrou no closet e saiu usando uma camiseta. Deixou as meias. "Bom" pensou Gabriel para si. Sorriu nervoso... e encantado diante de suas reclamações. Por que não? Contento de ser, pelo menos uma vez, o que recebesse suas reclamações por ciúmes.

Da parte dele, sabia que tinha que compartilhá-la com o mundo e ficava satisfeito ao ver a fúria e a possessividade de sua mulher, e nesse momento desejou levá-la para a cama e demonstrar com ações tudo o que suas reclamações afetavam nele.

Mas não podia.

Deixou-a se acalmar enquanto observava o lóbulo de sua orelha e imaginava passando sua boca quando chegasse o momento de tirar as meias e pudesse acariciar sua pele. Nesse instante a encheria de beijos até detrás dos joelhos, que tinha descoberto há dias que era um ponto seu muito sensível.

Isso, e a vontade de possuí-la o atravessam como se fosse um adolescente.

- Vêm aqui - assinalou com voz rouca.

- Vêm você.

Ele simplesmente sorriu, caminhou até ela e a atraiu para seu peito. Notava-a reticente.

- Neste momento me fez muito feliz.

Ela olhou-o confusa.

- Não parece arrependido.

- Eu adoro sua reação. Desejo que cuide de mim, quero que cuide de mim, nunca esconda nada.

- Estou muito chateada - ela disse contra seu peito.

- Eu sei. Desculpe-me se te fiz se sentir mal. Não tenho nada com ninguém, só existe você - tomou seu rosto com as duas mãos. - Não sei o que me acontece com você, mas isto que senti agora é o que eu sinto multiplicado por cem, ao ver que sorri para outras pessoas. Tenho ciúmes de todos os que a rodeiam, os que monopolizam seu tempo. Alegra-me saber que não sou o único que sente igual.

- Por que essa desconfiança? Eu nunca faltaria com você, não tenho olhos para ninguém mais. Foi assim desde que o conheci. É o centro da minha vida por que não se dá conta?

- Eu sei meu amor, eu sei. É algo meu, que tenho que trabalhar.

- Sim, mas isso não elimina o que discutimos antes, Gabriel. Não quero ver ninguém rondando ao seu redor. Essa mulher sabe como é quando faz amor. Diga-me, Gabriel, como se sentiria se eu tivesse tido um amante e me encontrasse em atitude carinhosa com ele?

Seu o olhar escureceu.

- Não ira querer sabê-lo - afastou-se dela, e tirou o casaco e a camisa em silêncio. Agora era Melissa que o observava recostada na porta. Ambos evitavam a cama.

Ele se aproximou de novo dela, desejava perguntar algo, começava a baixar a voz até que não aguentou: - Houve alguém em Nova Iorque?

- Não, - respondeu ela, recordando o beijo de Raul.

- Respondeu muito rápido. Não posso acreditar que em todo esse tempo ninguém se aproximou de você.

- Sim, se aproximaram, mas nenhum me interessava. Houve um amigo colombiano.

- O amigo colombiano tem nome? - O tom de voz era tranquilo, mas com um significado tenso.

- Raul Carvajal.

- O que aconteceu com ele? - perguntou com gesto crispado.

- O beijei.

Gabriel abriu a boca sem poder acreditar no que ouvia. Logo, com semblante furioso se aproximou dela.

- É uma descarada! Como o beijou? Você nunca me beijou, sempre era eu que te beijava, que te suplicava. Comigo não tomou a iniciativa! Além disso, você não tinha amnésia.

- Estava furiosa! Por culpa dessa maldita revista, você estava desfilando com essa mulherzinha e eu estava sozinha. Acreditava que não me queria e que nunca voltaria comigo. Mas foi ruim, senti-me pior, volto a repetir que nunca o traí, mas você não pode dizer o mesmo.

Ele se aproximou dela e a aprisionou contra a porta.

- Quer que te conte uma coisa? Quando estava com outras mulheres você atravessava meus pensamentos sem saber quem era e me via beijando-a e acariciando-a. Quer saber como me sentia depois de estar com alguma mulher? Como um merda.

- Isso é doentio.

- Tem razão. Não quero mais falar. Tenho muito trabalho esta noite.

-O que está dizendo?

- Preciso apagar todo rastro, toda lembrança que tenha desse sujeito.

Deixou cair a cabeça sobre ela e procurou sua boca de forma ansiosa. Melissa pegou ambos os lados do rosto e devolveu o beijo com a mesma intensidade. Esse gesto estava infestado de ciúmes, de raiva, de necessidade. Ele foi invadido um desejo indescritível ao sentir as carícias de Melisa em seu peito.

- Como é possível que, até depois destes meses, "me deixe assim"?

Tirou-lhe a camiseta e a comeu com o olhar. Ajoelhou-se diante dela. Sorriu ao acariciar com a ponta dos dedos o encaixe da parte superior das meias. Um dedo penetrou no pequeno espaço entre a meia e a pele. Soltou a liga e acariciou a longitude das pernas, devagar, sem deixar de olhá-la. Sorriu de novo.

- Não sorria. Não merece - disse ela, séria.

- Mas não pode aguentar. Você adora me agradar.

- Vaidoso!

- Não se dá conta, não é? Sempre me tem assim, de joelhos, aos seus pés.

Venerou suas pernas com a boca, até que a escutou gemer e se mexer inquieta. Ao chegar à parte interna de uma das coxas não pôde evitar e deu uma pequena dentada que sabia a deixaria com marca.

Ela só suspirou.

Ele ficou de pé e acariciou seus seios com os olhos, até que pegou com sua boca um deles, enquanto estimulava o outro com o dedo polegar e indicador. Chupou-o, sugou-o e brincou com ele.

Melissa arqueou as costas pelo prazer que proporcionava a ela.

Soltou-a um momento sem deixar de olhá-la para tirar as calças e a roupa íntima, afastou-os de um chute. Sustentava o olhar com a respiração agitada e agarrou o pênis com ansiedade. Gabriel fechou a mão sobre a dela, impondo um ritmo a sua carícia.

- Não é minha intenção me atirar sobre você como um animal tão logo a deixo nua. Merece mais preliminares, meu amor - confessou com impaciência e pegou sua frente à dela - Pareço um adolescente.

- Tenho você ao meu lado, nu e excitado. Não preciso de mais - Melissa sentiu que a respiração estava entrecortada ao observar o fogo que ardia em seus olhos.

- Se vire - Gabriel começou a massagear as nádegas - Você me deixa louco - sussurrava em um tom acalorado enquanto abria mais suas pernas.

Gabriel acariciou sua pele nua com reverência, as costas, o contorno da cintura, as nádegas, até que levou a mão entre suas coxas, ao mesmo tempo em que separava seu cabelo que caía de lado e deixava seu apetitoso pescoço descoberto.

Não resistiu a vontade de chupar essa porção de pele quente e sedosa, mordeu-a e logo repassou com a língua a marca avermelhada. Inspecionou seu centro com carícias experientes que a fizeram gemer e arquear os quadris.

Melissa separou o rosto da porta e ofereceu seus lábios. Gabriel os saboreou, mordiscou-os.

- Tem a vagina toda molhada e muito, muito quente, meu amor.

- Preciso de você agora...

- Sério?

- Por favor... - gemia desesperada.

- Seus desejos são ordens para mim - respondeu beijando-a de novo e abrindo um caminho entre sua boca com a língua.

Foi um beijo apaixonado que os fez estremecer dos pés a cabeça. Levantou suas nádegas. Melissa ficou nas pontas dos pés. A seguir a penetrou com uma força de invasão que fez que a porta balançasse e a cabeça dela caísse para trás em um ato reflexo.

A mandíbula de Gabriel descansava em um de seus ombros e o fôlego quente enviava labaredas à pele do pescoço.

- Morro por você - disse ele, alterado, entre fôlegos.

- Eu também - respondeu ela entre suspiros.

Gabriel separou seus quadris da porta, acomodou-se melhor e continuou penetrando-a rápida e fortemente.

Melissa percebia que seu coração ia estourar, seus seios batiam contra a madeira, os vertiginosos batimentos do coração eram como se estivesse correndo uma maratona. O prazer a transtornava e se apoderava de sua pélvis, imprimindo um ritmo tão antigo como o tempo.

Gabriel gemia ao escutá-la gritar, satisfeito ao ver que não podia resistir à loucura que os invadia, fazendo-os um só. Devorava seus lábios, o pescoço e os ombros. A porta balançava ao ritmo de suas investidas. O ruído só era amortecido pelos suspiros lastimosos dos dois.

Melisa sentiu o calor em seu centro, que originava da explosão de luz e sensações que invadiam todos os seus membros. Ao se virar para olhar para Gabriel se precaveu de seu gesto rígido, do esforço com o que se empenhava em não ejacular, para que ela obtivesse a satisfação, de sua pele quente e suada, de como estava bonito.

Com um clamor profundo, Gabriel chegou ao clímax de maneira demolidora, insondável e muito prazerosa. Saiu daquele estado tremendo e agarrado a ela.

Levou-a para a cama. Deitaram-se abraçados. Ele se encaixou em seu corpo como uma meia lua. Um silêncio cômodo os balançava. Melissa estava entorpecida pregada ao corpo de seu marido. Acariciava seu braço, em que rodeava seu ventre e sua cintura.

Pensou que ela dormia quando falou em voz baixa.

- Eu a vi em Nova York antes de recuperar a memória.

- Como?

- Fui à Nova York por uns dois dias – não diria que tinha viajado com Delia, não queria começar outra briga – E a vi caminhando pela Avenida Madison.

- Serio?

- Sem saber quem procurava, sem saber quem eu era, a reconheci. Experimentei uma sensação de saudade tão grande que fez com que corresse atrás de você.

- Por que não me alcançou?

- Porque um maldito semáforo vermelho atravessou e quando cruzei você já não estava.

Ela se virou entre seus braços. Acariciou seu rosto, o cenho, a bochecha, sentiu que a ternura a invadia e o abraçou.

- Eu te amo.

- Eu sei, meu amor. Desejo que fique claro com isso que contei, que sempre estive aqui - destacou seu coração. – Nada, nem ninguém, teve importância nesse tempo, só o desejo de saber quem era.

- Obrigada.



Capítulo 4

Chegaram a Cartagena das Índias uma semana antes do casamento. Os pais de ambos se hospedaram na casa da família na cidade murada. O restante dos convidados tinham alugado moradias próximas e suítes nos hotéis mais prestigiados da cidade.

Melisa sorriu ao ver Rafael e Luís Eduardo concentrados em uma partida de xadrez. Recordou como meses atrás Gabriel e ela espremiavam a cabeça pensando na maneira de obter uma aproximação entre os dois, pois Luís Eduardo se negava aceitar algum convite se soubesse que Rafael ia estar presente.

O pai de Gabriel tentou, por seus próprios meios, uma reunião, mas não teve mais sorte que eles. Luís Eduardo era a teimosia em pessoa, Gabriel percebeu de onde Melisa tinha tirado a obstinação.

Um mês antes, Mariela tinha comentado com Melissa que tinha tido uma forte discussão com Luís Eduardo e ele enfatizou que Melisa tinha perdoado o que aconteceu durante o sequestro de Gabriel, Mariela já tinha virado a página, por que ele não? Com que cara pensava levar sua filha ao altar pelo braço se não tinha sido capaz de deixar tudo para trás? Tinha sido avisado que se continuasse nessa posição, ia perder muitos momentos felizes do casal, os natais, os netos, os aniversários, enfim, todo o manancial de atividades familiares que faz doce e completa a vida familiar, e lembrou que Melisa era sua única filha.

Mariela sabia que Luís Eduardo tinha refletido, mas o orgulho não deixava encontrar uma solução para se aproximar da família de seu genro. Um jogo de xadrez resolveu o impasse de uma maneira simples.

Rafael e Amália tinham ido visitar o apartamento de Gabriel e Melisa, e enquanto as mulheres conversavam sobre o casamento, Gabriel e Rafael jogavam uma partida de xadrez. O jogo ficou pela metade quando as mulheres irromperam no escritório e os levaram para a sala de jantar.

Dias depois, Luís Eduardo passou a saudar Melisa antes de pegar Mariela na joalheria. Melisa o convidou para ir ao escritório e, enquanto atendia uma chamada, Luís Eduardo se dedicou a observar a partida de xadrez que não tinha sido concluída. Sabia que Gabriel jogava com as peças negras e se deu conta de que ia ser derrotado em mais três jogadas.

Era uma armadilha perfeita e não pôde aguentar.

- Filha, quem jogou esta partida? - perguntou a Melisa tão logo ela soltou o telefone.

- Faz duas noites que Rafael e Gabriel jogaram. Gabriel não deixou recolher o jogo, disse que ainda não terminou.

- Pois vai ganhar em três jogadas, isso claro está se jogou com as peças negras.

- Não sei nada de xadrez, papai. Só sei que Rafael é um jogador muito bom.

- Não me diga. - analisou a partida mais uns minutos - Filha, eu sei que agi mal com a família de seu marido e já é momento de resolver isso.

Melissa sorriu com carinho.

- Já era hora.

Na noite seguinte os três casais se reuniram.

No começo da reunião o ambiente estava um pouco tenso, mas Gabriel e Melisa se encarregaram de levar a conversa e chegaram à sobremesa em um ambiente mais ou menos relaxado.

Depois do jantar passaram para o escritório para beber uma taça de conhaque.

- Não ganhou o jogo - disse Rafael ao entrar no escritório e observar a mesa.

- Ainda estou pensando o que fazer - respondeu Gabriel enquanto servia o licor.

Luís Eduardo atravessou.

- Não tem muito que fazer moço; em mais três jogadas perderá a partida.

Rafael levantou o olhar surpreso.

- Você joga?

- Um pouco.

- Filho, como já disse Luís Eduardo, vai perder. Arruma esse jogo e me deixe jogar com seu sogro.

- Bom.

Melisa fez um sinal para as mulheres e Gabriel, e saíram do escritório, deixando-os sozinhos.

Dias depois, Mariela tinha contado o ocorrido no quarto.

Na metade dos movimentos de bispos e rainhas, Rafael pigarreou incômodo e Luís Eduardo soube que tinha chegado o momento das desculpas por parte do industrial, e não se equivocou.

- Luís Eduardo, sei que agi como um imbecil com vocês durante o sequestro de Gabriel. Não passa um dia sem que lamente minha conduta - a seguir seu tom de voz mudou - e a perda de meu neto.

Luís Eduardo levantou a vista surpreso diante da atitude humilde e contrita do industrial, algo alheio a ele.

- E antes que diga mais alguma coisa, quero agradecer.

- Por quê?

- Por trazer para o mundo essa excepcional mulher que compartilha a vida com meu filho. Nunca tinha visto Gabriel tão feliz, tão em comunhão com o mundo. Ele sempre foi uma pessoa difícil e apesar da estreita relação que temos, via nele um pouco de inconformidade, mas agora tudo é diferente, e sei que é graças a sua filha. Asseguro que Melisa contará com o amparo e a lealdade de Gabriel e de toda a família.

Luís Eduardo assentiu e continuou com os olhos no tabuleiro.

- Não vai dizer nada?

- Sim - respondeu Luís Eduardo enquanto movia sua peça em direção ao rei - xeque mate.

~~*~~

Os dias anteriores ao casamento estiveram cheios de todo tipo de atividades com os convidados. Organizaram visitas pela cidade, um passeio de iate até casa das Ilhas do Rosário, e um almoço no Hotel Santa Clara.

Em meio de tantos eventos, Gabriel e Melisa tiravam tempo para passear juntos, de mãos dadas pelas ruas empedradas e repletas de balcões de buganvílias².

À noite, antes da cerimônia, Mariela e Amália entregaram o presente que ambas tinham desenhado para ela.

Elas desejavam fazer um conjunto de brincos e gargantilha, mas Melisa não tiraria a gargantilha que Gabriel tinha dado meses atrás. Então as duas de mulheres optaram por dar de presente um diadema de ouro branco, com brilhantes incrustados em um delicado trabalho que recordava os desenhos de joalheria dos anos cinquenta.

- Isto é muito, - sussurrou Melisa com um nó na garganta.

- Nada é muito para minha única filha - agarrou-a pelas mãos. - Superou todas as minhas expectativas, meu amor. Estou muito orgulhosa de você.

- Obrigada, mamãe - abraçou-a com carinho e com lágrimas nos olhos.

Logo Amália se aproximou e a abraçou com igual emoção.

- Nada é mais satisfatório para uma mãe que ver o amor nos olhos das companheiras de seus filhos. Eu adoro observar a maneira com que olha para Gabriel, como se fosse seu tesouro mais prezado.

- É que é assim - respondeu ela enquanto colocava a diadema frente ao espelho - Espero que eu seja suficiente para ele.

- Dúvida do amor de meu filho?

- Não!

- Então?

Mariela continuava calada com a conversa, enquanto retirava a joia e a colocava no estojo. Amália a cobrou novamente.

- Algo a preocupa, percebo isso. Meu filho só tem olhos para você.

- Eu sei.

Mariela interrompeu.

- Isso não é o que a preocupa Melisa.

² Bougainvillea é um gênero botânico da família Nyctaginaceae, de espécies geralmente designadas como buganvílias. Nativas da América do Sul, essas angiospermas recebem vários nomes populares, como primavera, três-marias, sempre-lustrosa, santa-rita, ceboleiro, roseiro, roseta, riso, pataguinha, pau-de-roseira e flor-de-papel.

- E se não puder lhe dar filhos? Não fiquei grávida em todo este tempo - rompeu a chorar desconsolada - Fui ao médico, fiz todo tipo de exames e estou bem. Então, não entendo.

- O que o médico disse?

- Que podem ser os nervos, ansiedade... Se não ficar grávida nos próximos três meses fará exames mais detalhados.

- Acima de tudo deve se acalmar.

- Não quero partir seu coração. Ele deseja filhos.

- Para meu filho você vem em primeiro lugar. Se soubesse a enormidade de seus sentimentos por você, não estaria desta maneira - secou as suas lágrimas com um lenço. - Sei que será uma estupenda mãe, só deve dar tempo ao tempo. Entre ambos está a solução. Deve falar com ele. Gabriel deve saber como se sente.

- Não quero estragar as coisas.

- Não o fará.



A data escolhida por ambos foi 25 de julho. Esse dia, contrário ao que acontecia com todos os casais, estiveram se arrumando em casa.

Mariela e Amália tinham insinuado que pelo menos dormissem em quartos separados na noite anterior, e esperassem para se ver somente no momento da cerimônia.

- Não, mamãe, obrigado - disse Gabriel dando um beijo na fronte e puxando Melisa do quarto, antes que a convencessem.

Essa manhã, entretanto, Melisa ficou nas mãos de sua mãe e sua sogra e um par de especialistas em estética, que a retiveram todo o dia em um ritual de beleza até meia hora antes da cerimônia.

Tomou um banho de noiva que iniciou com uma massagem relaxante com óleos essenciais, um banho aromático e uma hidratação profunda que a deixou calma e relaxada para enfrentar o grande dia.

Pentearam seu cabelo preso, maquiaram-na de forma suave, vestiu-se com a ajuda de sua mãe e colocaram a diadema e o véu.

- Já falou com Gabriel sobre o que a preocupa?

- Ainda não, - respondeu com um suspiro.

- Faça-o.

Parou em frente ao espelho e se viu bonita. O vestido era criação de um famoso estilista radicado na capital há vários anos. Era de cor nata, em cetim e organza, o sutiã sem alças estava forrado em encaixe francês cujas flores se reproduziram na saia que tinha um ligeiro franzido e caía até o chão. O véu era longo, uso catedral e com o cós bordado. Os sapatos eram italianos forrados no mesmo cetim do vestido.

Ouviram umas batidas na porta.

Era Amparo, que levava um pacote em suas mãos. Mariela saiu e as deixou sozinhas.

- Nossa! Está linda! Meu irmão terá um enfarte.

- Espero que não, - Melisa sorriu.

- Trouxe um presente para sua noite de casamento. O que tiver escolhido deixe de lado; este é o ideal. Asseguro isso, é a cor favorita de Gabriel.

Melisa abriu o pacote, era uma camisola minúscula de cor vermelha, com uma tanga de encaixe transparente da mesma cor. As costas eram de seda e a parte da frente era do mesmo material do encaixe da tanga e aberta, com uma ranhura que Melissa estava certa que deixaria o ventre à vista.

- Obrigada, Amparo, é lindo! Usarei na noite de núpcias os poucos minutos que Gabriel deixar com o objeto posto. - Sorriu.

- Brincalhona. Imagino o que está pensando.

- Não está enganada.

Escutaram outras batidas e as vozes iradas de Mariela e Amália discutindo com Gabriel.

Melissa desejava que o casamento passasse rápido para evitar mais enfrentamentos entre os três. Guardou o objeto na bolsa e a deixou em uma das mesas.

- Não deve ver a noiva antes da cerimônia - sentenciou Mariela.

- Quem disse?

- O costume.

- Verei minha esposa quando quiser - realçou o "minha esposa" a Mariela, que se afastou resmungando pelo corredor.

- Você é impossível! - respondeu Amália.

Melisa virou nervosa.

- Os deixe sozinhos. - disse Amparo ao tempo que abria a porta.

Gabriel ficou petrificado ao vê-la. Parecia uma fada, dessas dos contos infantis. Era incapaz de pronunciar uma palavra. Melisa tocava o tecido e o olhava ansiosa.

- Como estou? - sussurrou nervosa olhando a saia do vestido.

Chegou até ela como se fosse um raio de sol que ele necessitasse desesperadamente de seu calor.

Passou o dorso dos dedos pela bochecha antes de abraçá-la. O desgoverno em seus sentimentos não deixava pronunciar as palavras. Ela olhava seu início e seu fim, ela encarnava tudo o que desejava na vida, e de repente um pouco de medo o assolou ao se dar conta que sem ela não poderia viver.

Era seu tesouro mais valioso, sua joia mais preciosa.

- Meu Deus! - engoliu em seco - Está muito linda, meu amor, - disse aproximando-se de sua boca. Beijou-a com urgência, sem que importasse a maquiagem. Suas línguas se encontraram e o beijo se fez mais apaixonado, quente e úmido. Soltou-a resistente.

- Arruinei sua maquiagem.

- Não importa.

Melisa se embebeu da figura de seu marido, que vestia um elegante smoking preto. Estava tão bonito com seu cabelo penteado para trás e o queixo azulado, reluzente pelo recente barbeado. Ele se precaveu de seu olhar e sorriu.

Amava a forma como o olhava, precisava desse olhar de devoção todos os dias de sua vida.

- Sou muito feliz! - assinalou emocionado.

Os olhos de Melisa de repente se escureceram e um brilho suspeito os invadiu.

- O que acontece, meu amor?

- Tenho que falar contigo - separou-se dele e deu a volta.

- Acredite que notei que algo a preocupa. Se for pela quantidade de gente ou por algo do casamento... - aproximou-se confuso - Alguém a tratou mal? Minha família está lhe incomodando?

- Não! Por que acha isso? Gosto muito de sua família.

- Então, o que está acontecendo? - não queria seu olhar escurecido no dia mais importante para os dois.

- Estamos a nove meses juntos e ainda não fiquei grávida. E se não puder te dar filhos?

- Meu amor, meu amor... - abraçou-a por detrás e colocou seu rosto no véu, jogou-o para um lado e beijou sua nuca com uma mansidão que só ele conhecia.

Finalmente falou no seu ouvido.

- Não quero que se preocupe por isso. Ainda é cedo e, se não pudermos ter, adotaremos. Não se sinta culpada de ser feliz.

- Ah, Gabriel...! - recostou-se nele e entrelaçou as mãos.

- Eu sei o que quer na realidade, mas não pode ser. Não pôde ser - disse Gabriel através do espelho.

- Tratei de superar. Juro isso, mas ainda dói. A uns momentos sonhava com ele - olhou-o ansiosa e ficou em silêncio, arrependida por tocar no assunto, pois pelo olhar de Gabriel passou uma sombra de dor.

- Conte-me o que sonhava.

- Que nosso filho entrava correndo pelo quarto e brincava e se enredava com a cauda do véu.

- Também me dói muito, mas devemos ter fé e esperança.

Melisa secou as lágrimas, deu a volta entre seus braços e acariciou o queixo.

- Me desculpe, não quero fazer um espetáculo precisamente hoje.

- Por que não me disse nada?

- Não queria atormenta-lo.

- Mas me angustia quando acontece alguma coisa com você. Sabe que pode contar comigo para o que seja. Quero que conte comigo sempre.

Melissa não queria que ele soubesse que ele era parte do que a angustiava. Suas inseguranças, de não ser suficiente para um homem como ele, que podia ter a mulher mais bonita aos seus pés e por caprichos do destino a tinha escolhido, precisamente a ela. Temia não estar à altura. Temia que um dia despertasse da ilusão e não a quisesse mais.

Gabriel a olhava como se adivinhasse tudo o que acontecia sua cabeça.

- Você é o centro de minha existência.

A seguir soltou um suspiro, com suaves carícias percorreu seus braços até chegar aos ombros e ao pescoço e finalmente embalou seu rosto. Com o polegar limpou uma lágrima esquecida.

- Vou ser o menos original do mundo com isto que vou lhe dizer. Sei que merece frases novas, mas estas palavras explicam muito bem a imensidão do que sinto por você.

- Você é minha vida - disse Melisa esperando suas palavras.

Então, começou a cantarolar uma canção de Joaquim Sabina.

A voz de Gabriel a envolveu, como segundos antes o tinham feito seus braços.

"Eu não quero contigo, nem sem ti.

O que eu quero, moça de olhos tristes, é que morra por mim.

E morrer contigo se te matas e me matar contigo se morrer.

Porque o amor não morre, mata, porque amores que matam nunca morrem".

Melisa apertou às lapelas do smoking e pegou seu rosto, não desejava chorar mais, e menos ainda depois da letra poética de Joaquim Sabina que tinha dedicado a ela.

Gabriel ficou em silêncio enquanto a continha em seus braços. Segundos depois Melisa elevou o rosto.

- É o mesmo que sinto por você.

- Não me deixe nunca, Melisa - observou-a com gesto abstraído.

Ela devolveu um olhar doce.

- Você tampouco.

Gabriel sorriu com ironia e voltou a abraçá-la.

- Pronto?

- Retocarei um pouco a maquiagem.

- Espero você na igreja.



A igreja de São Domingo, onde se oficiaria a cerimônia, estava enfeitada para a ocasião.

Era o santuário mais antigo da cidade, localizava-se na cidade murada, com um altar barroco que tinha uma imagem de Cristo

esculpida em madeira do século XIX e uma imagem da Virgem com uma coroa embelezada com ouro e esmeraldas.

Melisa saiu da casa e andou as poucas quadras até a igreja em uma carruagem antiga. As ruas estavam isoladas com laços pelas autoridades, mas isso não evitou que uma quantidade de pessoas se amontoasse no lugar, para dar uma olhada de perto nas personalidades que foram convidadas para o casamento.

Melisa desceu da carruagem, Luís Eduardo a recebeu e entrou na igreja por seu braço.

- Meu Deus, é real! - sussurrou nervosa.

Luís Eduardo deu um par de tapinhas na mão, adivinhou o desassossego que a assaltava e murmurou:

- Se for necessário, finja ter coragem. - ela sorriu.

O lugar estava abarrotado de gente vestida elegantemente que se levantou de seus assentos e o sussurro das vozes foi ofuscado pela marcha nupcial. A luz era tênue e ao seu nariz chegou o aroma de incenso, a cera de vela derretida e às flores do ramo que adornava seu traje.

Avançou pelo corredor coberto por um tapete vermelho. E nesse preciso instante aconteceu: reconciliou-se com Deus. Não foi nem no bate-papo com o sacerdote, nem no curso de preparação, nem sequer na confissão.

Foi aí, caminhando para o homem que amava mais que a sua vida, quando entendeu os intuitos de Deus, que embora houvesse trazido sofrimentos e perdas, tinha lhe dado maravilhosos presentes.

Tinha dado coragem quando as coisas estiveram ruins, fé de que tudo se solucionaria e alegria imensa de poder estar nesse momento renovando os votos que eram sagrados para os dois.

E então soube.

Se deixasse seu pequeno ir, a vida chegaria de novo a ela.

Sentia, era uma promessa, era o presente que Deus tinha para ela nesse dia. Quis correr até Gabriel e beijá-lo diante de todo mundo para gravar em sua memória os aromas, os sons, as cores desse maravilhoso momento.

Recordou um fragmento do Cantar dos Cantares³ que tinha estudado na Universidade anos atrás: *Me leve gravado em seu coração, me leve gravado em seu braço! O amor é inquebrável como a morte, a paixão inflexível como o sepulcro. O fogo ardente do amor é uma chama divina! A água de todos os mares não poderia apagar o amor; tampouco os rios poderiam extingui-lo.*

Gabriel a observava caminhar sem perder detalhe algum de seus gestos, sorria enquanto ela chegava a ele. Seu rosto resplandecia e no brilho de seus olhos viu todo o amor do mundo, a promessa de toda uma vida a seu lado, os filhos por vir, o envelhecer juntos.

Com a renovação dos votos diante de Deus, Gabriel queria apagar muitas coisas: a dor de Melisa pelo sequestro e a perda de seu filho.

Ao vê-la caminhar para ele, evocou a tarde que a conheceu nessa mesma cidade que hoje dava o consentimento para viver seu amor. Ele recordou (um pouco do que lembrava tê-la visto) sentada tomando uma bebida gelada e lendo um livro com os diminutos óculos e quando se aproximou dela.

- Perdão - falou ela, com uma voz que deixou os cabelos de Gabriel em pé.

- Calma, deixe-me ajudá-la - sustentou-a enquanto voltava a colocar a bolsa em seu ombro.

Continuava com os óculos no rosto e Gabriel não pôde evitar um sorriso.

- Desculpe me intrometer, mas não caminhará melhor sem esses óculos?

Tinha esse instante gravado em sua cabeça e em sua alma; era o momento que tinha mudado sua vida. Esse amor que o transbordava acelerou seu pulso e esquentou o peito, o que ocasionou que o coração começasse a pulsar de forma desenfreada.

Com muita dificuldade balbuciou um "obrigado" quando Luís Eduardo a entregou. Gabriel estirou o braço para tomar a mão de Melisa com firmeza. A cerimônia foi intensa, emotiva e curadora para os dois.

Ao sair da igreja e subir no carro que os levaria ao Centro de Convenções, onde teria lugar a recepção, Melisa abraçou seu marido e suspirou feliz.

³ O Cântico dos Cânticos é um dos livros poéticos do Antigo Testamento, posterior ao Eclesiastes e anterior ao livro da Sabedoria, na Bíblia católica e, na Bíblia protestante, antes de Isaías. Representa, em hebraico, uma fórmula de superlativo; significa o mais belo dos cânticos, Cântico por Excelência ou o cântico maior.

- Casados diante de Deus e diante dos homens.
- Minha diante Deus e diante dos homens.

Melisa soltou uma gargalhada.

O Centro de Convenções de Cartagena se transformou em um lugar vestido de azul e prata. Na Praça das Bandeiras quinze mulatas, quinze tamborileros⁴ e um tapete azul receberam aos mais de quinhentos convidados provenientes de distintas partes do país.

Todos foram convidados com uma taça de champanhe e os convidados ficaram perplexos quando o céu se tingiu de diferentes cores, obra e graça de um bonito castelo de foguetes.

Essa foi a permissão que os tamborileros necessitaram para iniciar a festa. Com música e passos de baile entraram todos os convidados ao salão, cenário de maneira muito original. Do teto se desprendiam teares azuis e prata, adornados com três candelabros de vários metros de altura com sessenta velas cada um.

As mesas estavam decoradas com variados centros de mesa em cristal que continham flores mistas, o jogo de mesa era de tecido fino. Ao ar livre o ambiente também era surpreendente: as árvores estavam decoradas com cintas azuis e prata que ostentavam na ponta cristais que se moviam ao som da brisa marinha e que emitiam suaves sons ao golpear-se entre si.

A comida se dividiu em partes, pratos de comida local e internacional. Produtos do mar onde sobressaíram os camarões em molhos de coco e corozo, os rolinhos de robalo, os medalhões de lagosta em especiarias. Pratos de carnes e saladas. Os doces típicos da região servidos em cestas elegantes, doce de abacaxi, tamarindo, mamão verde, leite atalho rivalizavam em sabor e bom gosto com confeitaria francesa e toda classe de licores. O bolo nupcial era de vários andares e criação de uma das melhores confeitarias de Cartagena.

- Trabalhou muito, meu amor - assinalou Gabriel surpreso pelos detalhes e o bom gosto de sua esposa, já que Melisa manteve a preparação da festa em segredo, porque queria que tudo fosse uma surpresa para ele.

"Sua Melisa" refletiu comovido, permaneceu forte e leal durante o sequestro. Tinha reinventado a vida para ele, estava cheio de metas, de sonhos, de risadas e de amor, apoiava-o em seus projetos, aclamava

⁴ São pessoas que responsáveis por tocar o tambor ou pandeiro , batendo com uma baqueta , que pode ser de madeira , plástico ou fibra de carbono , que são uma espécie de varas finas e alongadas.

seus triunfos e se opunha de maneira teimosa quando estava equivocado.

- Fiz tudo para você, só para você - sorriu satisfeita, - embora tenha tido muita ajuda.

O sorriso de Gabriel se esfumou ao sentir uma explosão de ternura no peito.

- Obrigado! É o melhor presente.

- Não me agradeça ainda - sussurrou Melisa, surpresa pelo gesto perturbado de Gabriel, quando a abraçou e a beijou na bochecha.

Melisa apoiou uma mão no queixo e antes que se afastasse brincou nervosa: - Espera até que receba a conta em seu escritório.

E em um dos instantes mais comoventes de sua vida, Gabriel estalou em gargalhadas.

Rafael e Luís Eduardo brindaram com palavras emotivas. Melisa dançou valsa com seu pai e com seu sogro que, comovido, reiterou seu carinho e lealdade para toda a vida. Dançou com Gabriel várias canções até que Miguel se aproximou deles.

- Bom, já a monopolizou para toda a vida. Deixe-me desfrutar de uma dança com ela - Gabriel a cedeu não com muito boa vontade.

- Se olhares matassem estaria morto, clandestinamente.

- Ora! - Miguel era muito bom dançarino e desfrutaram de um bom merengue dominicano e um par de canções mais.

- Está muito bonita. Sei que serão muito felizes.

- Obrigada. E você? É feliz, Miguel?

- Com tanta felicidade enjoativa como esbanjam vocês dois, não. - sorriu quando Melisa golpeou seu braço - mas estou satisfeito com minha vida.

Melisa observou à voluptuosa mulher que o acompanhava, em um apertado vestido de cor verde e que recordou à antiga amante de Gabriel.

- Existe mais, Miguel.

Ao Miguel escureceu o olhar e Melisa se envergonhou de voltar a tocar no tema tão gélido para ele.

- Sei, mas não é para mim.

- Miguel - aumentou o tom de voz - com a alegria que me dá o dia mais importante de minha vida, meu desejo hoje é que se apaixone como nunca antes, e que esbanje tanta felicidade como nós.

- acredite, já estive lá antes e é melhor que deixemos as coisas assim.

Melisa não sabia o que tinha acontecido ao seu amigo e Gabriel era muito vago nesse assunto, assim não insistiu para não ser intrometida.

Quando terminou a música, Miguel a levou de novo para o lado de Gabriel.

- Entrego a você e sem um arranhão - deu-lhe um suave beijo na bochecha e se despediu - Obrigado por seus bons desejos, não acredite que não os valorizo. É minha melhor amiga.

- Nossa já era hora de que voltasse - reprovou Gabriel, de brincadeira.

- Não podia ficar mais tempo afastada de você - comentou com suavidade.

- Vamos, bela dama? - sussurrou ao seu ouvido enquanto observavam os casais dançarem - Um avião nos espera.

Ela levantou uma sobrancelha, surpresa.

- Disse que me encarregaria da lua de mel.

- Não pensei que fôssemos viajar esta mesma noite.

Despediram-se de todos os convidados, que reiteraram seus desejos por uma duradoura sorte conjugal.

Gabriel levou Melisa para casa no mesmo carro que a tinha levado a igreja.

-Tudo foi perfeito - suspirou recostada no ombro de Gabriel.

- Você sim que é perfeita.

- Somos perfeitos juntos.

- Se você o diz.

- Sei.

Melissa levantou a cabeça e procurou os lábios de seu marido como há muito tempo queria fazer, com desejo, com reverência, com amor. Melisa entrelaçou os dedos no cabelo de Gabriel e devorou sua boca.

Segundos depois se separou agitada.

O brilho nos olhos de Gabriel indicava que o beijo o tinha afetado da mesma maneira.

- Obrigado por me dar tanta felicidade.



Capítulo 5

Sentada em uma das cômodas poltronas do voo que os levaria para Nova York como primeira escala de sua viagem, Melisa deu uma olhada pela janela para o céu escuro. Gabriel estava sentado de frente para ela.

Olharam-se em silêncio e soube que as lembranças do que aconteceu ao chegarem em casa depois da festa. Da maneira em que dizia ao seu ouvido o que desejava fazer com ela, não a deixou sozinha um minuto, ajudou a tirar o vestido e foi testemunha de sua respiração contida e do brilho da paixão em seus olhos, quando ficou sozinho com a fina lingerie.

- Deus! É linda, mas prometi esperar até que chegássemos ao nosso destino.

- E você sempre cumpre suas promessas.

- Sempre.

- Você é quem perde - respondeu ela com jeito brincalhão, enquanto terminava de se despir de um com um conjunto de calça e jaqueta sem deixar de sorrir.

- É desavergonhada. - aproximou-se dela e acariciou seus ombros e o pescoço.

Devorou seu sorriso com um beijo voraz - Vou mudar a promessa.

- Como bom negociante.

- Prometo não entrar em você até que cheguemos à Nova York.

- O desavergonhado é você.

- Darei algo no que pensar enquanto estivermos no voo.

E o tinha feito, sentiu que derretia, e o tinha feito. Ainda sentia os lábios de Gabriel entre as pernas. Suspirou enquanto voltava o olhar para o céu escuro.

- Dorme meu amor - sussurrou Gabriel com um olhar cheio de promessas.

Quatro horas depois aterrissavam no Aeroporto JFK de Nova York. Depois dos trâmites de imigração, uma limusine os levou ao hotel onde Gabriel fez a reserva.

Melisa desceu do carro com a boca aberta.

Com uma fachada imponente localizado em uma das esquinas do sul do Central Park, a pouca distância da Quinta Avenida e dos teatros da Broadway, estendia-se a construção de um dos hotéis mais luxuosos da cidade: o Mandarin Oriental.

O hotel começava na planta 36 nas Torres do arranha-céu da Teme Warner e acabava no piso 54. Ao abrir as portas do elevador, uma recepção elegante de pisos escuros e com claro estilo asiático contemporâneo deu as boas vindas.

A suíte estava localizada no piso 50, em uma das esquinas da torre.

A luz do sol entrava em torrentes pelas janelas que iam do teto ao piso e que davam para o rio Hudson e para o centro de Manhattan, havia uma sala de estar ampla, de jantar, um pequeno bar, tudo decorado com estilo moderno e minimalista.

O quarto, com uma ampla cama no centro e móveis de madeira em tons escuros e acabamentos luxuosos. Gabriel pediu o café da manhã, pois eram nove da manhã e não tinham comido nada no avião, mas nesse momento recebeu uma chamada e ela se distraiu pela sala por uns minutos.

Melisa se aproximou de uma das janelas e observou a paisagem.

Gabriel se aproximou por trás e a abraçou.

- Feliz?

- Sim, muito. Sempre quis estar nessa cidade.

- Sei.

- Desejava criar lembranças novas. Ainda me pesa na alma a maneira em que... - Melisa deu rapidamente a volta e pôs os dedos em seus lábios.

- Deu-me muitas lembranças felizes, Gabriel, é um homem de muito valor. Minha mãe me disse uma vez que era só seu coração atormentado o que o tinha feito agir assim. Não quero que voltemos a falar desse assunto. Só quero que me ame e que cumpra tudo o que me dizia com seus olhos quando estávamos no avião.

- Melisa, Melisa, Melisa... - Então a apertou com força para pegá-la em seu corpo.

Notou sua angústia e se dedicou a saná-lo não com palavras suaves, mas com gestos atrevidos que em seguida mudaram sua índole.

- Desejo-o tanto - sussurrou enquanto abria o zíper da calça e acariciava as nádegas e logo deslizou a mão para agarrar seu membro que já estava duro - Morro por suas carícias. Às vezes fico observando suas mãos e fantasio sobre tudo o que tem feito para mim com elas.

- Você me mata, Melisa.

Arrastou-a ao sofá da sala e entre manobras torpes para desfazer-se da roupa, Gabriel caiu no sofá e Melisa, já nua, fixou os joelhos em ambos os lados de seu corpo. Gabriel, com uma mão pegou sua cabeça por trás e com a outra a mandíbula, inclinou-se para ela e cobriu a sua boca com a dele, devorando-a com a língua.

Melissa sentia a ardente respiração de Gabriel que queimava seu rosto e a sensação cálida e líquida que a alagava entre as pernas sempre que ele a beijava. Desprendeu-se do beijo e com a respiração agitada disse:

- Me toque, já estou pronta para você - pegou seu pênis. - Tornei-me uma desavergonhada. Só de escutar sua voz ou olhar para você morro de desejo.

O rosto de Gabriel refletia deleite por suas palavras. Voltou a beijá-la enquanto tomava seu peito nas mãos. Separou-a de novo, sua respiração era agitada, tratava de recuperar o fôlego para falar. Seus olhos ardiam de paixão e de ternura.

- Minha desavergonhada, só minha - atraiu-a mais a seu corpo e a apertou com força.

Melisa sentia de tudo ao mesmo tempo: um profundo amor, desejo, ardia diante de cada beijo e cada carícia.

Ele a separou um pouco, posou as mãos em seu ventre e, com o polegar, acariciou seu clitóris. A febre que expandia esse gesto arrancou um gemido que aumentou quando colocou um mamilo na boca e o sugou até deixá-lo duro como uma pedra.

- Me chupe muito, amor. Preciso de você! - murmurava ela entre suspiros.

Gabriel, acalorado, atendeu a todas as demandas de sua esposa.

Nada importava mais que agradá-la. Quis estar no interior dela assim que começou a esfregar seu sexo contra sua ereção. Era uma delícia essa úmida carícia de sua esposa. Não pôde evitar dizer:

- É tão gostosa, vou devorá-la toda, da cabeça aos pés - disse quase sem fôlego.

A seguir acariciou seu centro ensopado - Esta é minha parte preferida.

Em seguida levou as mãos às nádegas e a levantou desesperado por guiá-la para sua ereção. Ela lançou as mãos em seus ombros e deslizou sobre ele com um gemido áspero, que Gabriel apanhou em um beijo furioso.

Melisa enfrentou aquele contato com a mesma ânsia, ficou imóvel, pôs os olhos em branco sob as pálpebras, enquanto tratava de se acomodar a ele e o gozo transtornou suas sensações, a ofuscação fazia com que respirasse de forma violenta e irregular.

Cada vaivém dos dois enterrava ainda mais Gabriel em seu interior.

O silêncio do quarto estava invadido por lamentos, grunhidos roucos e os úmidos sons de quando Gabriel a penetrava uma e outra vez. Em um dado momento, elevou a pélvis e viu a forma em que estavam unidos.

Não pôde evitar um gemido de satisfação ao observar a perfeição desse momento, no que eram um só, e percorreu seu torso com os olhos e com as mãos.

- Minha bonita esposa, está me pondo à prova. - sussurrou Gabriel.

Melisa levantou o olhar e viu as rígidas feições de Gabriel que tratava de conter-se por ela. Ela não duraria mais muito tempo, já sentia seu imenso prazer sulcar por todo o ventre como ondas de fogo e gelo que rompiam contra seu interior e arrastavam com tudo a seu passo.

Gabriel golpeava uma e outra vez. Com um ritmo mais acelerado se esfregava nela.

- Está me deixando louco! - dizia com tom de voz tenso e eufórico de uma vez.

Grunhiu, pegou-a pela cintura e com a outra mão cravou os dedos em suas nádegas para imobilizá-la e começou a atacá-la mais depressa. Estalou dentro dela e o gemido que saiu de sua garganta falava da aprazível agonia, do prazer supremo.

Passados uns instantes, Melissa desabou em cima dele e acariciou seus ombros e o peito, sentiu-o estremecer-se. Sorriu satisfeita.

- Meu amor, foi incrível! - disse ela contra seu ombro - Foi sublime!

Gabriel mal pode normalizar a respiração, quando uma batida na porta os tirou do sonho. Melisa se aseou no banheiro enquanto Gabriel, depois de se vestir, recebia o café da manhã. Logo a alcançou na ducha e minutos depois sentaram para tomar café da manhã usando um roupão.

Comeram com fome as delícias que havia sobre a mesa. Frutas de toda classe, torradas francesas, madalenas esponjosas, panquecas perfeitas, ovos esquentados, bacon. Gabriel preparava bocados que Melisa levava a boca, enquanto falavam do ocorrido no casamento e do que fariam esse dia depois de descansar um momento.

Os dez dias em Nova York passaram como um suspiro.

Davam longos passeios pelo Central Park e pela Quinta Avenida, tomavam café no Juan Valdez porque Gabriel adorava e no Starbucks já que era a cafeteria preferida de Melisa. Gabriel a levou às compras nas mais luxuosas lojas da Quinta Avenida e Melisa o levou aos lugares que frequentava quando estudava na Universidade de Columbia.

Gabriel caminhou com ela até a Avenida Madison, no lugar exato onde a tinha visto tempos atrás como em uma visão. Melisa o apresentou ao Rasid, o livreiro indiano que os recebeu amavelmente e mostrou alguns tesouros que Gabriel desfrutou regateando grande parte de uma manhã.

Gabriel a convidou para jantar uma noite em um dos restaurantes da Tribeca, um bairro de moda ao sul de Manhattan. Melisa usava um vestido azul água-marinha desenhado por Vera Wang e sapatos Jimmy Choo, roubou os olhares de admiração de mais de um dos garçons.

- Sabia que em Manhattan os edifícios que não alcançam a altura máxima permitida, podem vender a altura que não foi construída aos edifícios vizinhos para que o superem? - dizia-lhe Melisa, enquanto bebiam o vinho que tinham levado segundos antes à mesa.

- Sim, meu amor, sim sabia - respondeu ao mesmo tempo em que acariciava a bochecha - Sabia que há mais de meia dúzia de babões que não tiraram os olhos de cima de você?

- Não, não sabia, por que só tenho olhos para o homem mais bonito do restaurante.

- Ah, é? Quem é?

- Como se tivesse que dizer isso - sorriu - embora devesse lhe dar um susto por ser tão cheio de si mesmo.

- Nem lhe ocorra isso - disse Gabriel, enquanto lia cada um o menu - Morro de fome.

- Você sempre está morrendo de fome - respondeu ela concentrada na leitura.

Gabriel soltou o menu, correu a cadeira e se aproximou mais dela. Contemplou-a com seriedade e evocou seu rosto no momento do sequestro, seu olhar de angústia, desolação. Não queria voltar a ver esse olhar em sua vida.

- Olhe para mim. - disse.

Melisa levantou o rosto e viu a expressão em seus olhos, que fazia tempo que não via e que conhecia muito bem.

- Me beije - disse.

Ela notou algo em seu tom de voz que precisava disso. Rodeou-o com seus braços, aspirou seu aroma que sempre a envolvia e dava vida. Gabriel se separou dela e a contemplou enquanto acariciava uma mecha de seu cabelo.

- Quero que sempre seja feliz. Preciso que seja sempre feliz.

- Tem-me feito muito feliz, meu amor. O que está acontecendo? - perguntou, rodeando-o com carinho.

Voltou a beijá-lo. Ele não deixava de abraçá-la.

- Estou aqui, meu amor - murmurou - para sempre, me sinta.

- Eu a sinto, Melisa, a sinto.

Era sua última noite em Nova York.

Melisa desejava que tudo fosse perfeito, brincou durante todo o jantar, até que o semblante sombrio de Gabriel mudou para uma alegre gargalhada devido a suas ocorrências.

No dia seguinte pela manhã voaram para São Francisco, onde permaneceriam outros dez dias e logo estariam mais uma semana no Havaí.

Melissa se apaixonou pela cidade, pela arquitetura de suas edificações, de suas ruas levantadas e dos bonitos parques. Visitaram a

Golden Gate à tarde, no preciso momento, em que a névoa caía como um manto sobre a cidade.

- Olhe, meu amor - disse a Gabriel - Este é o momento em que o céu beija a terra.

- Nunca o tinha visto assim - respondeu ele, surpreso por seu comentário.

No vale de Napa, Melissa disse a Gabriel que poderia viver colhendo uvas para fazer vinhos toda sua vida, com tal deleitava-se cada manhã na bonita paisagem. Gabriel respondeu que preferia ser o dono de um vinhedo.

- E como sempre, voltamos para a típica relação de chefe e empregada.

- É que eu gosto muito. Têm suas vantagens - sorriu diante de uma taça de vinho espumoso que brindaram em uma loja do vinhedo que visitavam nesse momento. - Essa submissão, esse ter que fazer o que seu chefe diz, não tem preço.

- Ah! Em seus sonhos, senhor Preciado - respondeu com voz rouca e grossa.

- Esta viagem a tornou uma desavergonhada - respondeu com olhos faiscantes, beijou a ponta do seu nariz - e eu adoro.

Eram felizes desconectados do mundo e dedicados a eles dois. Compenetravam-se e se conheciam ainda mais. Como a Ave Fênix, ressurgiram das cinzas, convertendo-se em pessoas mais carinhosas, apaixonadas e honestas consigo mesmos e com outros. Foram capazes de afastar o sofrimento e conseguiram extrair seu amor intacto.

Voltaram-se cúmplices.

Se havia ainda alguns fragmentos soltos em sua relação, estes voltaram a reunir-se sem fissuras, criando uma unidade que sabiam capaz de enfrentar. Melisa floresceu como não tinha podido fazê-lo nos meses anteriores, seu sorriso era radiante e seus olhos faiscavam vida.

No quarto deram rédea solta a suas fantasias mais audazes.

Os fantasmas do sequestro se afastavam cada vez mais na paixão desatada na cama e essa dedicação cobrou seus frutos. Melissa transbordava sensualidade por cada um dos poros de sua pele.

Era bem amada.

Pelo dia recordava uma a uma as carícias, os sussurros e a maneira de amar de seu marido. "Estou louco de amor por ti" "Louco, louco, louco".

Suspirou enquanto o observava comprar umas garrafas de vinho.

Recordou seu torso nu, o pelo que sulcava seu peito, cada músculo e cada tendão, a paixão esmeralda em seus olhos. Incomodava que as demais mulheres mudassem de atitude diante de sua presença, os sorrisos tolos que destinavam a ele.

Gabriel nem sequer mudava o gesto.

No Havaí encontraram o paraíso perdido entre longas caminhadas, bonitas paisagens e banhos de mar em praias de sonho. Um amanhecer em que passeava pela praia, Melissa soube que Deus tinha completado sua promessa.



Bogotá, duas semanas depois.

Saiu do banho feliz.

- Tenho enjoo - exclamou exultante e com uma gargalhada - Gabriel, tenho enjoo.

Gabriel a observava enquanto dava um nó na gravata.

- É a primeira pessoa que conheço que gosta de enjoo - abraçou-a - por que não vamos hoje ao médico?

- Um dia mais, quero esperar um dia mais para fazer o teste.

- Por quê? Podemos procurar um teste na farmácia. Se for porque não quer se iludir. Se olhe amor, já está iludida.

- Já estamos iludidos.

- Está bem, solicitarei uma consulta com o ginecologista esta mesma tarde.

- Parece perfeito e agora vou trabalhar para trazer o pão da minha família - beijou a sua esposa na boca e logo aproximou os lábios ao abdômen de Melissa - E você fique bem, pequeno girino, não faça sua mamãe vomitar.

Melisa deu um golpe no ombro.

- Que girino nada.

Saíram da consulta com o ginecologista com um sorriso no rosto. No elevador que descia ao estacionamento, Melisa abraçou seu marido e ria até as lágrimas, emocionada.

- Estamos grávidos, estamos grávidos!

- Eu sabia - disse abraçando-a e enchendo seu rosto de beijos.
- Por que estava tão seguro?
- Porque conheço seu corpo à perfeição, meu amor. Tem os seios maiores e os mamilos mais sensíveis.
- Bem, pois ficarão muito maiores.
- Louvado seja Deus!



O primeiro trimestre passou sem grandes problemas, Melissa sofreu de algumas náuseas, mas em geral seus dias eram tranquilos. Ela que sempre tinha sido retraída em gastar dinheiro com ela, não poupou para preparar o enxoval do bebê.

Entre ela, Mariela e Amália se dedicaram a bordar e tecer com verdadeira devoção. Escolheu os tecidos mais finos, antialérgicos, suaves ao tato, os fios mais manejáveis. As marcas mais famosas quanto a mamadeiras, esterilizadores, banheiras e cercadinhos. Para o berço do quarto do bebê contratou um profissional em decoração infantil.

Uma das noites do sexto mês, Melissa ia de um lado para outro na cozinha enquanto Gabriel a contemplava com ternura. Sua esposa estava cada dia mais apetitosa. Ela se aproximou com uma saladeira e ele abriu suas pernas e entrou nelas. Seus seios estavam opulentos, enormes e acariciou seu ventre.

- Estou enorme.

- Está apetitosamente enorme - esfregou a cara em seus peitos e a sentou em suas pernas. Enquanto falava da briga que tinha tido com o fabricante do berço por não saber que detalhe usar. Era consciente do movimento de seus lábios, mas a cabeça de Gabriel estava na tarde em que provou seus lábios quando voltavam da Ilha do Rosário, a primeira vez que a tinha beijado.

A sensação voltou para ele de repente, o mesmo desejo, o mesmo nó na garganta, o tamborilar acelerado no peito. Melisa interrompeu de repente.

- Gabriel, não está prestando atenção, por que está me olhando dessa maneira?

- Como? - perguntou sorridente enquanto admirava a textura de sua pele, sua beleza, a deliciosa boca que não se cansava de provar.

A vida que mexia em seu interior. Acariciou seu ventre e levou o rosto ali.

Todos os dias falava, saudava seu filho com um enorme beijo pelas manhãs e pelas noites conversava de tudo o que fazia durante o dia. Ia a todos os controles e tinha no escritório uma fotografia da mais recente ecografia.

Surpreendia-se dos novos sentimentos que o assaltavam: amor incondicional, superproteção e desejos de dar ao seu filho o mundo em uma bandeja de prata para que jogasse com ele.

- Gabriel, estava falando do berço.

- Sim, amor, estou escutando, estou escutando. - Cheirava a canela em seu fôlego, como se tivesse estado mastigando uma lasca, aproximou-se de seu pescoço e inspirou seu aroma que o enfeitiçava, o aroma de shampoo do cabelo.

Seu corpo cheio estava deixando ele louco. Envergonhava-se, às vezes, da avidez com que a desejava. Surpreendia-se pensando nela várias vezes ao dia.

Nem o árduo trabalho, nem a última aquisição do conglomerado o distraíam das formas terminantes de Melisa e quando trabalhava no escritório do lado em algum dos projetos da fundação, interrompia-a várias vezes durante a jornada só para olhá-la, só para saborear seus lábios e acariciar seu ventre, e isso se repetia quando fechava com chave a porta do escritório.

- Está impossível - reclamou Melisa e fez a ameaça de levantar-se.

- Quero te dar uma massagem.

- Mas Gabriel, não jantou e...

- Não importa.

Esta noite jantaram muito tarde.



Capitulo 6

Melissa não descuidou do cronograma da fundação. Tinha escolhido dois projetos, depois de avaliá-los e assessorar-se dos profissionais pertinentes. Quando Olivia Ruiz voltou para o país e pediu uma entrevista com ela, Melissa a recebeu uma tarde no escritório.

Olivia chegou pontual, tirou de sua maleta um computador e se dispôs a responder as perguntas de Melisa.

- Quando li a pasta que me apresentou, surpreendeu-me ver o nome do povo com que vai trabalhar.

- Sim?

- É o lugar de nascimento de um grande amigo. - Olivia a interrompeu.

- Imagino que sabe quem sou eu.

Não era uma pergunta, era uma afirmação. Se dissesse que não, deixaria as coisas fáceis.

Com o passar dos anos, tinha aprendido que quanto mais rápido soubessem com quem trabalhavam muito melhor. Não haveria mal-entendido mais adiante.

- Não, Olivia - respondeu Melisa - Sei de quem é filha, mas não sei quem é você. Não tive a oportunidade de conhece-la e é o que quero fazer antes de tomar minha decisão.

Melisa teve um pouco de compaixão ao ver que toda ameaça de prevenção desapareceu de repente e em seu lugar ficou um olhar confuso e vulnerável.

Olivia engoliu saliva, não desejava chorar, este projeto era sua vida, sua redenção. Se tivesse que ajoelhar-se diante de meio mundo para levá-lo a cabo o faria sem vacilar. Era muito dano para reparar.

- Obrigada.

- Me deixe esclarecer algo: não tenho nada a ver com meu pai.

- Sei.

Melisa não iria dizer a ela que Gabriel a tinha investigado até o tutano, não parecia justo. Já para Gabriel, esse pequeno detalhe de quem era filha era suficiente para negar a subvenção, mas Melisa viu algo nela no dia da recepção, e a forma em que apresentou seu projeto notava-se o desejo de fazer boas coisas e o amor por seu trabalho.

Tinha conseguido convencer Gabriel dias atrás.

Era uma mulher muito bonita, de olhos verdes, de tom diferente dos de seu marido, a pele fina. A boca era exuberante, com escassa maquiagem. Vestia-se de forma singela, calça escura, botas e um suéter de caxemira cor vermelha. O cabelo recolhido em uma trança apertada.

Miguel deve conhecê-la, uma mulher tão bonita não estaria longe do radar de seu amigo.

- Estive seis meses no exterior, na Irlanda e na Espanha. Nestes países trabalhei muito a memória histórica. Conheci uma casa de repouso na Espanha e outra na Irlanda, foram experiências apaixonantes. Se a senhora olhar...

- Me trate de você - interrompeu Melissa.

- Obrigada.

- O lote no qual penso construir a casa é uma herança e está desvinculada de tudo o que veio depois. Não ia aceitar o pedaço de terra, mas começou a rondar por minha cabeça a ideia de fazer algo pela população, surgiram alguns projetos dos quais escolhi a casa de repouso e aqui estou. Em quatro meses volto para Santo Antônio, a papelada da restituição de terras para as famílias desalojadas já está na reta final e desejo me encarregar pessoalmente do assunto.

- Não seria mais fácil que outra pessoa se encarregasse de realizar as coisas? Penso que será um pouco complicado para você - franziu os ombros - sabe por que digo isso.

- Entendo e sim, seria mais fácil deixar que outros se encarreguem, mas devo fazê-lo. Tenho muitos planos. - Melisa viu uma determinação a toda prova.

Olivia era uma mulher valente, teria que sê-lo, para tudo com o que teria que lutar. Eram parecidas e gostou disso.

Gabriel entrou no escritório com alguém atrás dele.

- Meu amor, olhe que grata surpresa.

- Miguel...

- Olá, Melisa, está...

Olivia que estava de costas para porta, apenas ouviu essas três palavras para saber de quem era a voz, que ainda atormentava algumas de suas noites.

Esse tom de voz com tons ásperos e profundos que tinha arrepiado tantas vezes sua pele. O coração disparou e a opressão no peito a ameaçava impedindo de respirar. Desejou que a terra a tivesse tragado nesse mesmo instante.

Com um ligeiro tremor recolheu o computador, o pôs na maleta e o levou ao peito como se fosse um escudo de proteção, mas antes de dar a volta sabia, pelo silêncio que caiu no lugar, que já tinha sido descoberta.

- O que faz aqui? - berrou Miguel.

Ela virou devagar e o enfrentou.

Virgem Santa! Tinha esquecido quão abrasador podia ser um olhar de Miguel Carvalhos!

- Miguel! O que está acontecendo? - exclamou Melisa, preocupada ao ver a palidez de Olivia e o tremor em suas mãos.

Mas Miguel estava fora de si.

Sem prestar atenção em Melisa virou e perguntou:

- O que faz aqui?

- Não pode tratar assim minha convidada - reclamou Melisa, com o olhar confuso.

- Desculpem - murmurou Olivia. - Não quero incomodar. Que tenham um bom dia.

Ao sair pôde captar um olhar curioso por parte de Gabriel e um gesto preocupado no rosto de Melisa.

Ela a chamaria mais tarde e se desculparia.

Os olhos de Miguel ainda cintilavam de raiva. Quase correu até o elevador, que demorou alguns segundos para chegar no andar. Ia entrar no elevador quando uma mão apertou seu braço e entrou com ela.

Havia mais um par de pessoas, não soube se o elevador subia ou descia.

Subia.

Miguel a soltou tão logo fecharam as portas.

Olivia rogava para que o elevador voasse, mas parecia que tinha entrado em greve. As duas pessoas saíram uns andares acima e todo o espaço ficou invadido por sua presença. Sempre tinha sido assim; ele chegava e o espaço diminuía de repente.

Percebeu de novo que se afogava, ou melhor, não desejava respirar e se deixar invadir por seu aroma que trazia tantas lembranças e dor. Ficaram sozinhos.

- Que merda faz perto de Melisa? - Olivia sentia a raiva crescer feito onda.

Como se atrevia? E mais, como ela ousava dar tanto poder a ele? Era estar em sua presença e ficava idiota de maneira fulminante. Já não tinha dezoito anos, era uma mulher forte, trabalhadora e não tinha por que lhe dar satisfação.

- Não interessa.

Miguel a apertou de novo e a soltou em seguida como se queimasse. Ela ainda percebia o comichão da arisca carícia.

- Interessante! E muito! Não vou permitir que machuque boas pessoas. Você não traz nada de bom - esta última frase disse com total desprezo. - Não volte a se aproximar deles de maneira nenhuma.

- Você não me conhece, - respondeu ela, em um tom de voz confuso e triste.

- Oh, sim! Conheço muito bem! - olhou-a de cima abaixo, o que provocou um rubor nela. - Muito bem. Já esqueceu?

A porta do elevador se abriu e Olivia se dispôs a sair. Miguel pôs uma mão na lateral da porta para evitar que fechasse e impedir que ela saísse.

- Se lhes fizer mal se verá comigo.

Olivia saiu do elevador e, antes que fechasse a porta, virou e disse:

- Imbecil!

Pelo olhar que lançou soube que o tinha pegado de surpresa. Cega pelas lágrimas atravessou o portão do edifício. Já fora, limpou os olhos e parou o primeiro táxi que passou pela avenida.

Balbuciou uma direção ao chofer antes de cair em um pranto desatado.

- Senhora, está bem? - disse o chofer preocupado.

- Não, não estou bem.

- Quer ir a um hospital?

Olivia lançou um sorriso triste em meio das lágrimas.

- Não, senhor. Estou doente da alma e para isso não há hospital que resolva.

Miguel subiu ao escritório de Melisa exaltado, aspirou o aroma que ainda ficou no elevador e que era a mesma essência de jasmims e a limpo que o enlouqueceu anos atrás.

Não gostou quando entraram mais pessoas e este se diluiu.

Olivia tinha razão, parecia um imbecil, mas não pelas razões que ela acreditava. Deus! Voltar a vê-la foi como receber um murro de surpresa no estômago. Em segundos, lembrou muitas coisas e o sangue tinha subido à cabeça.

Mais acalmo, entrou no escritório de Melisa, onde o casal Preciado o recebeu com uma tensa calma.

- Pode nos explicar o que aconteceu? - perguntou Gabriel, - por que tratou Olivia assim?

- Essa mulher não merece estar ao lado de sua esposa. Investigou-a? Sabe quem diabos é?

- É obvio que a investiguei.

- Então?

- Tem vinte e oito anos, é Assistente Social com mestrado em Resolução de Conflitos.

- Sabe de quem é filha?

- Sim.

Melissa atravessou.

- Ela não é o seu pai ou... teve a ver com tudo o que aconteceu nesta cidade há dez anos? Era uma jovenzinha.

Miguel soltou uma risada irônica.

-Teve haver comigo! Com minha família! - o rosto de Miguel mudou para um gesto amargurado, cuspiu as palavras com ódio - A mulher a que tanto defende é a culpada de muitas coisas.

Caminhava de um lado a outro tentando se acalmar.

- Miguel, ela quer corrigi-lo - disse Melisa, tratando de tranquilizá-lo, agarrando-o pelo braço e levando-o ao sofá para que se sentasse - Merece uma oportunidade.

- Não acredito nisso.

- É um hipócrita. Disse a Gabriel para que deixasse tudo para trás, mas não se aplica a você.

- É diferente.

- É igual, - Melisa soube com certeza. - Ela é a mulher da qual não quer falar. Olivia quebrou seu coração.

Miguel se levantou de repente e se dirigiu à saída, agarrou a fechadura da porta e respirou profundo.

- É mais do que isso e vocês não entenderiam. Ela arreventou minha vida. Peço desculpas se os incomodei de alguma forma. Até logo.

Gabriel assobiou baixo.

- Nossa! Isso foi forte, não acha?

- Terá que enfrentar seu passado de uma ou outra forma. Daremos a Olivia a subvenção. Terá meu apoio em tudo.

- Uma casa de repouso não apaga as feridas e se a metade das pessoas reagirem assim como reagiu Miguel, não quero imaginar o que será para essa pobre moça.

- Olivia é forte, passou anos se preparando, sobreviverá. Algo me diz que o fará muito bem e é a única maneira de curar feridas e fechar ciclos. As pessoas afetadas também desejam virar a página.

- Espero que tenha razão.

- Sempre tenho razão. - respondeu risonha.

-Vaidosa...

- Aquele que caminha entre o mel, algo tem que pegar.



- É uma menina! - exclamou Gabriel emocionado quando Melisa esticou o ventre pela enésima vez.

E uma recém-nascida deslizou até chegar às mãos de seu pai. Valentina Preciado Escandón fez sua entrada neste mundo com um

choro tão forte que seus pais não tiveram nenhuma dúvida de que tinha chegado e iria mandar.

De cor púrpura, sanguinolenta e sebosa, para Gabriel foi a visão mais bela de sua vida. Apaixonou-se por suas mãos quando uma delas apertou seu dedo sem querer soltar e de suas feições, que foram recuperando a cor rosada à medida que inspirava o ar do mundo.

A enfermeira limpou sua boca e aspirou os pulmões.

- É tão pequena, tão bonita! - exclamou Gabriel, com um fio de voz comovido, enquanto um calor conhecido se instalava em seu peito e ameaçava nublar a vista, ao ver o maravilhoso presente, produto de um grande amor, que a vida depositava em suas mãos.

Aproximou-a de Melisa.

- Olha, meu amor... É perfeita! Pôs o bebê no peito e Melisa chorou sobre sua cabecinha, enquanto contava os dedos das mãos e dos pés.

- Valentina, esperei você durante muito tempo. Bem-vinda ao mundo, senhorita! - beijou sua cabeça e uma enfermeira a agarrou para realizar os exames de rotina e trocá-la.

Gabriel permaneceu ao lado de sua esposa sem deixar de olhar a criatura que passava de um profissional a outro. Apertou sua mão e deu um forte beijo.

- Obrigado por me dar o privilégio de ser pai.

- Você teve muito que a ver com isso. - brincou Melisa.

Cansada, suada e feliz, fechou os olhos e dormiu.

Despertou mais tarde em um luxuoso quarto, rodeada de ramos de flores de várias tonalidades e que regavam seu aroma por todo o quarto. Recordava vagamente que tinham trocado a bata verde do hospital por um pijama.

Gabriel estava perto da janela, anoitecia, embalava o bebê em seu peito e sussurrava:

- É minha princesa, sim, minha bela princesa - beijava sua mãozinha e soltou uma gargalhada nervosa. - Sorriu para mim, já sabe quem eu sou, não deixou de me olhar... Seus avós estão loucos para te conhecer, você vai concordar, muito, muito. Tem duas primas, são mais velhas que você, mas desejam brincar com você. Deixemos a mamãe descansar mais um pouco, trabalhou muito para que estivesse aqui conosco. Sua mãe é maravilhosa. Além disso, você e eu estamos muito cômodos, não é? Beijou-a na frente e se deleitou em seu aroma.

Era um aroma novo: a suavidade, a pureza, a ternura.

“Obrigada, meu Deus, por este presente que me deste”, refletia Melisa enquanto observava seus dois amores tão em comunhão com eles mesmos e com o mundo.

Gabriel levantou o olhar para sua esposa e sorriu.

- Sua mamãe já acordou e deve estar louca para abraça-la. Olha - dizia enquanto a depositava em seus braços. - Sorriu para mim, sabe quem eu sou.

- É obvio que sabe quem é. É o homem mais bonito que viu em sua vida.

Gabriel sentiu um nó na garganta e a insólita comichão das lágrimas ao olhar o resplandecente rosto de sua mulher, quando abraçou sua filha e se dispôs a alimentá-la. Depois de uns minutos de um pouco de dor para Melissa, Valentina se apertou ao mamilo de sua mãe e começou a mamar.

- É a menina mais bela do mundo. - murmurou ela encantada.

- Não resta nenhuma dúvida - Gabriel acariciou o pescoço com ternura e logo, com cuidado para não esmagar Valentina, beijou a sua mulher na boca.

- Adormeceu - sussurrou Melissa, enquanto acariciava sua cabecinha - parece muito com você.

- É igual a você. Têm a mesma boca. Os olhos... É muito cedo para saber, mas é seu mesmo tom de pele. Coloco-a no berço?

- Claro que sim - respondeu enquanto passava o bebê.

Gabriel tirou os sapatos, a gravata e o suéter e os colocou em uma cadeira. Acomodou-se a seu lado.

- Me fizeste muito feliz. Hoje tornei a me apaixonar e devo isso a você.

Ela sorriu.

- Vai se apaixonar um tanto de vezes mais.

- Só um tanto de vezes mais? - Melisa sorriu e Gabriel viu nesse gesto o tempo compartilhado, a felicidade, o sofrimento, a perda e a esperança. Vislumbrou os anos por vir, a vida, a verdadeira vida com ela a seu lado. Com a doce garota que tinha tropeçado com ele, numa tarde ensolarada em Cartagena.





Aviso Um

Por favor, não publicar o arquivo do livro em comunidade de redes sociais, principalmente no facebook!

Quer baixar livros do PL? Entre no grupo de bate-papo, entre no fórum, no blog, lá você encontrará toda a biblioteca do PL ou envie por email a quem pedir.

Postagens de livros no facebook podem acarretar problemas ao PL!
Ajude-nos a preservar o grupo!

Aviso Dois

Gostou do livro e quer conversar com sua autora favorita?

Evite informá-la que seus livros em inglês foram traduzidos e distribuídos pelos grupos de revisão! Se quiser conversar com ela, informe que leu os arquivos no idioma original, mas, por favor, evite tocar no nome do PL para autores e editoras!

Ajude a preservar o seu grupo de romance!
A equipe do PL agradece!

Aviso Três

Cuidado com comunidades/fóruns que solicitam dinheiro para ler romances que são trabalhados e distribuídos gratuitamente!

Nós do PL somos contra e distribuímos livros de forma gratuita, sem nenhum ganho financeiro, de modo a incentivar a cultura e a divulgar romances que possivelmente nunca serão publicados no Brasil.

Solicitar dinheiro por romance é crime, é pirataria!
Seja esperta (o).